



RelevO

Outubro de 2024 / n. 2 a. 15
ISSN 2525-2704 / Periódico
literário independente feito em
Curitiba-PR desde set/2010

DOS CUSTOS DA VIDA

⊕ RECEITA BRUTA

ASSINANTES ▶ R\$ 10 Raísa Boing; **R\$ 20** José Alexandre Bastos Pereira; **R\$ 25** Lucas Alexandre de Souza; **R\$ 70,00** Luiza Rosiete Gondin Cavalcante; Mayara Yamano; Kleber Bordinhão; Bianca Nóbrega da Silva; Amanda Ribeiro Barbosa; Giovana Erthal; Felipe Abeijon; José Henrique Sasek; Leandro Gracia; Tamara Monteiro Duarte Kiver; Cesar Carvalho; Raphael Cerqueira Silva; Vinicius Maurer; Sandra Vissotto; Julio Cesar Lima; Úrsula Antunes; Leopoldo Fronza; Fabio Henrique de Carvalho; Esther Livonius; Magno Lopes; Wagner Eduardo Estácio de Paula; José Alfredo Ciabotti; Yohan Barczyszyn; Henrique Fendrich; Roberto Dutra Jr.; Rodolfo Mondoni; Camila Leite; Pedro Ribeiro; Luis Felipe Mayorga; Rodrigo Silva do Ó; André Gobi; Rafael Souza Rodrigues; Henrique Santos; José Eduardo Degrazia; Tiago Flores; Denise Manfredini; Marcelo Almeida; Maria Clara Viana; Jasmina Schmidt; Ricardo Leão; Marcos Douglas do Nascimento; Rômulo Cardoso; **R\$ 80** Benilson Toniolo; Eduardo Pereira de Souza; José Carlos da Silva; Eduardo Pereira de Souza; **R\$ 100** Banca Vera; Paula Valente; Sabrina Dalbelo; Andréia Gavita; **R\$ 105** Larissa Olsen; Paula Piereck; Anderson Freixo; Vitor Zanirato; **R\$ 110** Lorena Cunha; **R\$ 140** Rubervam Nascimento; João Paulo Vani; Emerson Penha; Guilherme Alpendre; **R\$ 160** Julia Lerro Rocca; **R\$ 200** Marcelo Oliveira Salles; Wesley Loose Ludtke.



R\$ 5.175 TOTAL ◀

ANUNCIANTES ▶ R\$ 70 Flesch Notes; Luiz Gustavo Vicente de Sá; **R\$ 90** Edgar Gabriel; **R\$ 100** Banca Tatuí; Anderson Mezzarano Lucarezi; **R\$ 150** Pedro Duarte Blanco; Impérios Sagrados; **R\$ 200** Editora Litteralux; Whisner Fraga; Luis Felipe Mayorga; Thássio Ferreira; **R\$ 2.380 TOTAL** ◀ O Barbeiro e O Poeta; **R\$ 300** Rafael Estorilio; **R\$ 350** Allejo.

⊖ CUSTOS FIXOS

Editor-executivo R\$ 0

Colaboradores de setembro R\$ 600

Serviços gráficos R\$ 400

Mídias sociais R\$ 600

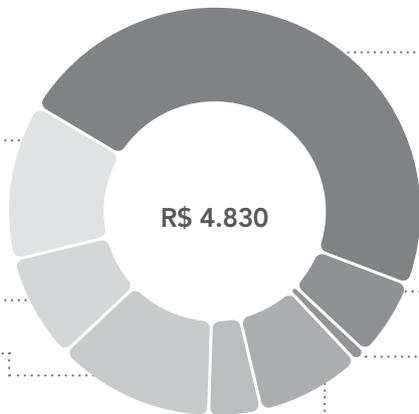
Serviços editoriais R\$ 200

Gráfica R\$ 2.280

Escritório R\$ 300

Embalador R\$ 50

Editor-assistente R\$ 400



⊖ DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 200
Correios: R\$ 3.300

⊖ DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 40

❓ CIÊNCIAS CONTÁBEIS

⊕ Entradas totais: **R\$ 7.555**

⊖ Saídas totais: **R\$ 8.516**

⊖ Resultado operacional: **-R\$ 916**



EXPEDIENTE

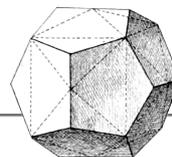
Outubro 2024



Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Zeh Gustavo
Revisão: Às Vezes
Projeto gráfico: Bolívar Escobar
Advogado: Rafael Estorilio
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 4.000

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Rafael Estorilio
Celso Martini
Rômulo Cardoso
Felipe Harmata
Amanda Vital
Whisner Fraga
Fernanda Dante
Nuno Rau



Edição finalizada em 29 de setembro de 2024.

ASSINE / ANUNCIE

O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

PUBLICIQUE

O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publicue.

NEWSLETTER

Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.



DAS OBRAS

As collages desta edição são de Jasmina Schmidt. Você pode conhecer mais do trabalho dela no livro *Estudos* (Contravento Editorial, 2024).

RELEVO, UM JORNAL GUACHE NA VIDA

Dado Oliveira • Boa tarde. Desculpem, mas o termo não é “guache”, é “gauche”. Esta palavra aparece num trecho de “Poema das Sete Faces”, de Carlos Drummond de Andrade. O verso faz parte de uma fala de um anjo torto que vive na sombra, dirigida a Carlos, no início do poema. A expressão “ser gauche na vida” significa que o indivíduo é desajustado, com uma crise permanente entre a sua realidade e a realidade exterior. Guache é o nome de uma tinta usada para fazer pinturas em papel, como a aquarela. Abraços.

Da redação: Discordamos.

ARRANJOS ETÍLICOS-JORNALÍSTICOS

Tiago Flores • Que beleza de e-mail sobre a situação do Jornal. Realmente me comoveu! Chegar no fim de mais um dia e ler uma coisa dessas é renovador. Sim, há coisas que valem a pena. Às vezes é preciso reforçar esse clichê. Há tempos que venho querendo assinar o **Relevo**, mas fico adiando por causa do aperto de grana. Que são 70 contos, porém? (Bem... umas duas caixas de cerveja). Mas paciência! Dá-se um jeito para tudo. E por uma iniciativa assim vale a pena passar um fim de semana sem beber. O caso da assinatura solidária me comoveu. É por essas e outras que a gente acha ânimo de seguir. Realizei hoje mesmo a minha assinatura. Acredito plenamente na importância da mídia impressa, sobretudo para a literatura, como uma forma de resistência mesmo. Mas tenho que dizer que não assino apenas pela resistência ou por qualquer tipo de piedade. É pela qualidade do periódico mesmo. (Não manobro muito bem essas tecnologias, mas espero que, com a minha assinatura, eu não deixe de receber esses e-mails em que vocês choram as pitangas da situação financeira. Tem qualquer coisa de fina nesse humor meio decadente, meio foda-se, estilo estamos-afundando-mas-vamos-rir-do-mesmo-jeito). P.S.: Os leitores mais solidários não precisam se incomodar em enviar cervejas ao meu endereço. Um cachaceiro sempre consegue se arranjar nessas coisas.

Edgar Gabriel • Sexta-feira, o interfone toca. Encomenda. Vou até o portão saber o que é. Era um pacote oriundo do Paraná. Já sei. Volto para dentro. Olho ao redor, um monte de folhas avulsas, ideias-bosta, trabalho atrasado, e-mails sem resposta... Putz. Quer saber? Vou dar um rolê. Apanho o pacote. Calço meus chinelos cópia do 51º estado norte-americano. Me dirijo ao bar mais podre e mal falado da região. É um bar frequentado por taxistas, por isso sou veementemente repreendido por bater

cartão nesse espaço tóxico. Nem ligo. Lá consigo beber dentro do meu orçamento limitado. Para não ser incomodado, visto minha camisa branca de taxista, pastor falido ou cobrador de ônibus. É preciso ter classe, mas o motivo principal é que o bolso carrega o cigarro falsificado e uma tabela do Jogo do Bicho. Escolho uma mesa quase de esquina, puxo a cadeira de plástico e ergo a mão: Oh, chefia, desce a braba aí! Abro o jornal e leio boa parte antes de perder a noção de onde estou. É emocionante se sentir e expressar que se sente um tremendo vagabundo num bar, num bairro e numa cidade onde só se fala em fazer grana, tudo caro, absurdo! Phodda-C! só por hoje sou herói, herói da vadiagem. Sou um lascado, mas tenho meus caprichos...

Rodrigo Silva do Ó • Jornal literário muito bom e guerreiro, resistindo aí impresso.

Nícolas Rosa • Caros amigos do Jornal. Adorei a matéria sobre síndicos. Eu mesmo participei de uma guerra civil em meu prédio, entre o antigo síndico e o síndico mais recente, cada um querendo eleger uma herdeira no lugar. Uma história com toques de Televisa, Game of Thrones e A Fazenda, além de um pouco de House of Cards. Sabendo que ia me mudar em pouco tempo, entrei no exército do antigo síndico e taquei fogo no grupo do condomínio, que tinha brigas com áudios quilométricos e textões. Após isso, me mudei para

um novo prédio, cujo síndico não abriu grupo e comunica as decisões por lista de transmissão. Nunca houve uma briga em mais de três meses. Sinto saudade das tretas do antigo condomínio, apesar de gostar da tranquilidade do novo.

Rubervam Nascimento • Oi, caro Jornal. Chegou ontem a edição de setembro, com o certo EDITORIAL sobre a resistência impressa do **Relevo**, a “Angústia” da Clarice Lispector, a instigante poesia do Jr. Bellé, de quem leri um poema no “Gente de Palavra” da Patuscada, no próximo dia 28. Somente o Jornalismo cultural como o de vocês pode trazer texto tão porrada como “O Catastrófico Dia do Papel Higiênico”, de Renan Franza. Continuo com o Jornal e não abro. Grande abraço!

Marcelo Salles • Ontem ainda recebi a edição de agosto: lindona. com Adonis, Auden, as manchetas: que beleza! Um abraço.

Fernando Antônio Fonseca • Oi, Jornal, como vai? Chegou hoje em minha caixa de correio os exemplares de junho e agosto do **Relevo**. E também o livro *escuro noturno sombrio*, do autor (meu xará) Fernando Maroja (seria um brinde?). Grato, amigos, pelo envio e pela simpática postura com que tratam seus assinantes e amigos! Abraço e ótima semana!

Kacire Ema • Obrigade pelo contato, Jornal! Sou muito fã do **Relevo**, admiro muito o

trabalho de vocês. No momento eu não posso fazer uma assinatura, mas é algo que desejo há um tempo. Pode ter certeza que, assim que for possível, entrarei em contato com vocês pra começar minha assinatura do jornal físico. Mesmo assim, quis responder o seu contato para manifestar o apreço pelo trabalho de vocês. Até breve!

GOLPE DO CHURRASCO

Pedro Ribeiro • Num vejo a hora de começar a consumir conteúdo de qualidade duvidosa! Óbvio que é mentira, dou valor demais nesse tipo de proposta, queria eu ter coragem de um dia entrar numa dessas! Vou tentar vender o Jornal para meus amigos num churrasco que temos no sábado, esperar todo mundo beber bem e fazer a propaganda.

CAPA DE SETEMBRO

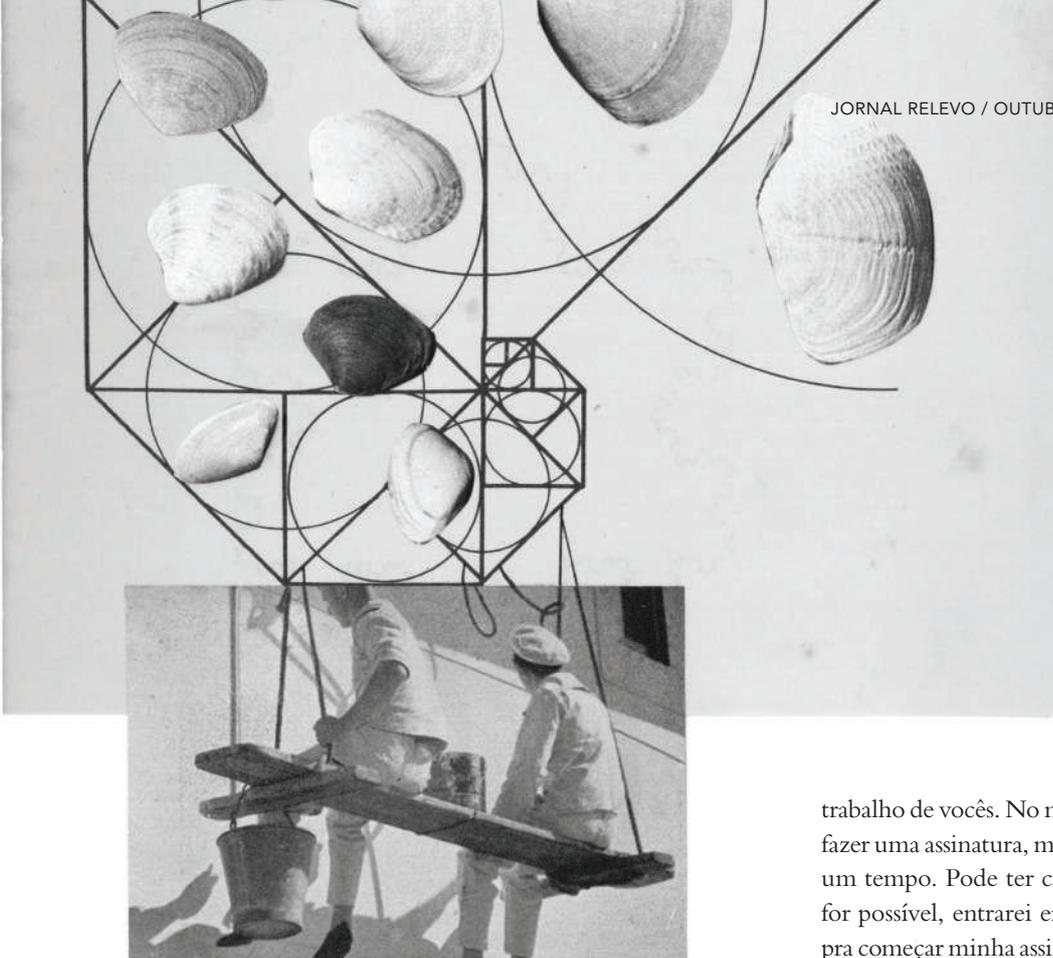
Pedro Duarte Blanco • Arte linda!

Sandra Vissotto • Assinei agorinha: pra leite ou decepção, tudo bem rrs

Priscila de Sá Santos • Clarice dizendo como só ela sabe dizer. No Jornal de setembro.

Wesley Loose • Escrevo para avisar que, apesar da fumaça que cobre toda Amazônia, o carteiro conseguiu enxergar a numeração da minha casa e a edição do **Relevo** de setembro chegou aqui em RO (parênteses para informar que RO é Rondônia, não é Roraima — confusão frequente já convertida em piadinha local). Muito bom receber o nº 1 do ano 15. Vida longa ao Jornal.

Amanda Vital • Tá boa demais essa edição, galera! Pirei no texto do Renan Franza, do papel higiênico. E as colunas do ombudsman Zeh estão cada vez melhores — Zeh é um rebelde lúcido. A arte tá linda também. Um beijo pra todos!





Na dúvida, é melhor não mentir

Em seu romance de estreia, escritor aborda questões contundentes como prostituição infantil e *fake news*.

“A mentira é o único privilégio do homem sobre todos os outros animais”, sentencia Dostoievski em sua obra-prima *Crime e Castigo*.

Partindo dessa premissa, o escritor Luiz Gustavo de Sá apresenta seu novo livro, o romance **Na dúvida, é melhor não mentir**, que está saindo pela editora **Penalux**.

O livro é protagonizado por Ricardo Galego, um jornalista desempregado que vem levando uma vida niilista e sem maiores pretensões, até que a inesperada gravidez de sua namorada surge para sacudi-lo do seu torpor. A exemplo de Bentinho, personagem machadiano do romance *Dom Casmurro*, Ricardo também tem dúvidas sobre a paternidade do filho que sua companheira espera.

Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de “verdade” e “mentira”. “Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático”, diz Gustavo. Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de “verdade” e “mentira”. “Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático”, diz Gustavo.

Na dúvida, é melhor não mentir

Luiz Gustavo de Sá
R\$ 45 (174 p., Penalux, 2023).
editorapenalux.com.br/loja/na-duvida-e-melhor-nao-mentir

Na falta de um francês melhor, ser guache na vida

No editorial de setembro, mencionamos a revolução silenciosa do impresso em tempos digitais. Temos alguns motivos para acreditar em uma espécie de reposicionamento do impresso em tempos de adoecimento pelo uso excessivo de telas.

Ao mesmo tempo, tal qual o time pequeno que perde inúmeros gols fora de casa e sai derrotado por 1x0 no final em um lance isolado, fomos punidos pelos deuses do papel-jornal por arriscar tamanho otimismo: tivemos, no mês passado, um dos mais difíceis períodos de arrecadação para o custeio geral da nossa operação.

Diferentemente do impresso, em que sintetizamos um período a partir de textos e entregamos números finais, nossa presença digital acompanha um tanto das oscilações de caixa, do espírito do tempo mais curto, essa coisa do dia a dia mais repetitivo, necessário e desinteressante. Chegamos, e sabemos disso, a exagerar na passada de chapéu — que falta nos faz um sobrenome melhor... E cada novo assinante representa mais um voto de confiança, o que soa ao mesmo tempo simbólico e efetivo. O assinante é quem paga a conta.

Nas edições de julho e agosto, atingimos aproximadamente 95% da meta de arrecadação. Um prejuízo aceitável, do jogo e das oscilações da vida financeira de um negócio de pequeno porte. Então, veio setembro... E o resultado é perceptível na página 2, com o balanço geral da edição. Aliás, no Brasil, somos o único jornal impresso que apresenta publicamente as próprias contas.

E quanto custa, afinal e mensalmente, a operação RelevO? Em torno de R\$ 10 mil, puxados, sobretudo, pelo custo de gráfica e de distribuição. O custo de pagamento de autores, além da equipe editorial, não pesa tanto porque, enfim, não remuneramos bem, embora não exista alguém não remunerado nos processos internos do periódico, dos autores aos empacotadores.

Por coisas que poderiam ser explicadas, quem sabe, pela projeção de signo, o editor acumula as funções de curadoria e pagador de boleto — em inglês soa mais imponente: publisher. Ou seja, seleciona textos, com o auxílio do editor-assistente e criador-culpado pelos textos da Enclave; encaminha dúvidas ao Conselho Editorial; conversa com possíveis ilustradores; questiona a resolução das imagens com a gráfica, o corte das páginas, “segue foto em anexo”. Essa é a parte realmente divertida.

E para lidar com tantas oscilações de nascimento & desenvolvimento, o lado B de gerirmos um pequeno negócios para seguir gerando divertimento, contamos com o senso de comunidade do RelevO, essa coisa que, ao longo do tempo, fomos criando, um certo jeito de se relacionar com as coisas que envolvem a escrita, a leitura e a discussão literária. Em suma, nosso senso de comunidade se constrói a partir de um ecossistema de trocas, apoio mútuo e pertencimento em torno de uma palavra ligada na outra, pagando contas e virando páginas.

Uma boa leitura a todos. ®

@easdgblourghmuffin

Se que acombs qué réptil junior é DISCRIMINADO in kg de cocaína? D' gusta em

ÓPIO E CABRAS

Mo De TRINIDAD

opeditorial.gov.br



APOIADORES



São Paulo / SP

Zeh Gustavo

ANGÚSTIA, BOSTALGIA, INFETAÇÃO: tudo, mas não necessariamente nesta (des)ordem!

I
desde as cartas
é que se instaura uma certa primazia
do sistema digestório
na quase ainda possível
comunicação:
abdômen-ritornelo
a gerar um chiado
& pá
& poom
& pés
& zooms!

II
de uma bet
que dela não se reporte
o seu vício fundador
mas a elegância
do patrocínio negado
que subjaz no exercício
de uma das parcas soberanias
que elegemos para levar
as horas
no comércio hodierno
em que nos enfiaram
até a bacia das almas
(inclusos os corpos)

III
uma boa revolução
se faz é com menos quinhentão
na conta
e um sorriso na cabeça

no bolso
uma bússola
desregrada
& um mapa
de alcançar
corações danados
como os nossos

IV
nos dias seguintes
aos tantos poemas relegados
à indiferença presidenta
do conselho do mundo
regido por big techs
é que o ombudsman
rasga o jornal
em rebeldia cega
ele
vocês sabem
adora fazer merda
porque contínuo

contínuo do baixo do palavreado
e de solfejadas sofrências de amor
(*contínuo!* – gritaria
o pai-empresário escroque
da *Bonitinha mas ordinária*
aquele que não é solidário
nem no câncer!)

V
um
bando
de
bunda-suja

nunca
seremos
um
só
rolo

um
só
rolo

nem
mesmo
de
um
reles
papel
higiênico

VI
parede
ou porta:
qualquer sólido
será esquecido
ao vento
que o levará
ao mar poluído
antes que o que seja
mera performance
possa se tornar
até mesmo
um aviso sequer
de permanência

desde já
esteja proibido
algo que seja
do terreno
da passagem
porventura
se fixar

eu também tomo café
em uma sala em chamas
só que não é café
é rum eu espero

Matheus Hotz

VII
a pergunta
aos mortos
precisa ser
dirigida
– e digerida –
pelos vivos

porque os mortos
eles não têm
necessidade
de pergunta
não porque já saibam
toda resposta
mas porque já sabem
toda ausência

VIII
o neomoralismo pimpão
é *transfronteiriço*:
propagandeia
suas bandeiras
com superioridade
voraz

o neomoralismo pimpão
é chato pra cacete
como a palavra
transfronteiriço
e ai de quem zombeteie
de sua falso-desleixada
mania de nobreza

o neomoralismo pimpão
contém tantas
amarras
quanto a propaganda
de um carro
de um sabão em pó
ou do amor livre
na boca de professor
universitário
em busca de likes
pro lattes

o neomoralismo pimpão
confunde geral
se espalha como brasa
(brasa líquida, claro)
a flertar com o
uso e descarte
de tudo

o neomoralismo pimpão
é o estado da arte
oculto
de quem beija a mão
do opressor
e senta a pua
no suprimido

o neomoralismo pimpão
odeia o que chama de
samba de raiz
amor romântico
escrita elitista
letra difícil
filosofia de botequim
o que pense
política & estética & existência
o que sinta
demais & intenso & visceral

ou seja
o neomoralismo pimpão
odeia toda utopia
que nos possa levar
adiante
sem esse gosto
de rivotril
na boca

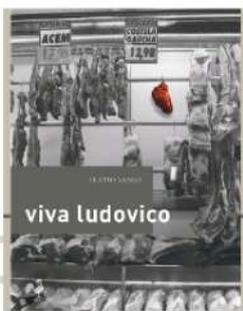
IX
para dar bug é preciso
operar o sistema
desde os seus ossos

para dar bug é preciso
jogar não só uma cadeira
mas alguma alma
e em alguém
que tanto a mereça
que viciou em descrever
nessa oferta de tanto

para dar bug é preciso
se jogar na alma arremessada
reconhecer nela
não o alvo
mas o destino
e puxá-la
para dentro
de si

Bolívar Escobar

O ESPECTRO DO BUFFET



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com

Angústia e o temor pela vida tomam conta do meu corpo quando percebo que a senhora logo atrás de mim está com pressa. Ela bate os dedos da mão direita, um de cada vez, na bandeja. Sei que ela está olhando para o meu prato e depois para mim, enquanto faz uma cara feia. Posso sentir que ela faz uma cara feia. Resolvo conferir, de relance, virando o pescoço o mínimo possível, o tamanho da fila. É grande. A senhora se aproxima um passo, quase encostando seu ombro ao meu. Ouço sua respiração quente, pesada, envenenada. Invade o espaço que eu poderia ainda usar para alcançar talvez os legumes na manteiga mais à direita ou algum outro prato pelo qual já passei. A pressão se torna maior do que a vontade de montar uma refeição completa. Está na hora de sair dali.

Não é culpa minha. A fila não anda. Mal servi o feijão por cima do arroz e já tive que parar após dois pequenos passos, porque uma família inteira na minha frente está discutindo sobre o que cada um vai comer. O buffet entra em hiato até que os dois filhos pequenos decidam entre o peixe e o frango grelhado. Talvez não queiram nenhum — talvez queiram nuggets! Enquanto isso, a senhora apressada diminui ainda mais a distância entre o meu prato e o dela. Ela julga o meu prato. Ela acha que peguei pouca salada. Ela vai avançar em mim. Ela quer me beliscar. Ela vai segurar a minha cabeça com as duas mãos e vai morder minha orelha.

A experiência do buffet está em ruínas. Temeroso, assumo uma mentalidade de autopreservação e inicio uma varredura dos demais pratos disponíveis diante de mim para otimizar meu self-service. Nada mais triste do que ter seu fluxo, seu ritmo de buffet, interrompido por uma pessoa apressada. O espaço meditativo da fila do buffet não é lugar de pressa, de inimizade, de rinha: é um momento de celebração e júbilo.

Não estou sendo o primeiro a refletir sobre o papel social do buffet. Como parte de *A Mesa Voadora*, seu compêndio de crônicas sobre comilanças, Luis Fernando Verissimo dedica um breve ensaio a esse evento problemático da civilização moderna. Para ele, o buffet é fruto das melhores intenções possíveis, mas está fadado a sucumbir perante sua própria configuração exageradamente liberal. Verissimo acredita que o ser humano, em contato com uma mesa cheia de comida, decorada com frutas e oleaginosas, exibindo carnes

brilhantes e engorduradas, não falhará em fazer despertar nosso lado mais animalesco.

Ao redor de uma mesa de buffet, o ser humano reverte ao seu protótipo mais primitivo: a fera diante do alimento. A pátina de civilização se quebra, como o exterior caramelado do presunto, e é cada um por si e pelo seu estômago.

Sobreviver a um almoço nessa modalidade, portanto, exige que se siga uma estratégia. Verissimo prossegue, em sua crônica, enumerando alguns macetes para não apenas sair ileso de um buffet, como também se adiantar e garantir as melhores partes do frango assado antes dos seus oponentes.

Marcos Nogueira é outro pensador cujas reflexões sobre o buffet tive acesso. Ele escreveu algumas coisas no blog *Cozinha Bruta*, na *Folha de S. Paulo*. Mais otimista do que o cronista gaúcho, mas não menos crítico, Nogueira dispara uma preocupante constatação acerca dos restaurantes “quilão”. Tais estabelecimentos recebem esse apelido devido ao modelo de negócio adotado: o indivíduo vai até o buffet, deposita uma quantidade X de alimentos sobre o próprio prato e, ao achar que atingiu o montante desejado, se desloca até a balança mais próxima. Lá, num momento de profunda constelação matemático-química, o prato é avaliado quanto ao seu real custo. Se não passar de um *threshold* pelo qual o consumidor pode preferir pela modalidade “livre”, o preço do almoço corresponde às gramas de alimento que serão ingeridas na sequência (fora a tara do prato).

O cronista da *Cozinha Bruta*, em um movimento semiótico, interpreta esse ritual como uma forma de acessar a verdadeira alma da cozinha brasileira. Segundo Nogueira, o quilão é um retrato mais próximo do brasileiro do que qualquer restaurante chique de culinária típica, pois em tal ambiente é que residem as melhores chances de executar as mais esdrúxulas misturas. Após descrever um prato hipotético montado por um tal Senhor Brasilino — que empilha vários tipos de carnes, macarrões, molhos, legumes e batatas de diferentes formatos —, Nogueira se justifica: “Goste ou não, esta é a dieta do brasileiro urbano médio. Ela funde a tentativa de ser cosmopolita com uma visão distorcida da alimentação tradicional”.

De um lado, o buffet enquanto portal para o *battle royale* alimentício, o flagelo da civilização; do outro, o mesmo fenômeno

enquanto representação de um ideal de nação, um símbolo das aspirações brazucas. Seria possível, da nossa parte, localizar um meio-termo para um buffet? Talvez um prato quente a mais entre a salada e a grelha?

Quando comecei a me perguntar de onde veio essa ideia genial de enfileirar os pratos em uma mesa e incentivar que você vá até a comida, em vez de esperar que ela vá até você, descobri que uma possível origem para o buffet é a tradição do Smörgåsbord escandinavo — do sueco “bord” (tábua) e “smörgås” (alguma gororoba sueca, provavelmente). Registros do início do século 18 apontam para uma forma comum de servir refeições entre a aristocracia sueca: deixar os pratos em uma mesa para que cada convidado se sentisse à vontade para comer o que tivesse vontade. Esbarro com diferentes explicações para essa prática: vikings que retornavam de longas viagens com seus espólios e mercadorias, deixando-as expostas para as pessoas da comunidade experimentarem; ou talvez um resquício das festividades sazonais, em períodos de colheita, quando todos se reuniam para compartilhar os frutos da terra com seus vizinhos.

Convenhamos, a ideia é tão boa que talvez as coisas simplesmente tenham sempre sido assim: deixar a comida ali, organizadinha, e esperar a galera ir chegando. Fato é que, não querendo ficar atrás dos amigos suecos, os franceses logo adaptaram um móvel próprio para o ritual e encaixaram ele no canto da parede do lounge — e eis o nome “buffet” incorporando a coisa como seu próprio conceito. Com as ondas de migrações do século 19, restaurantes familiares de culinária típica se tornaram cada vez mais comuns nas grandes cidades. A ideia de ir até um lugar para “comer fora” se desatrelava do padrão da elite e conquistava o coração de diferentes classes sociais.

Na década de 1930, em recuperação da crise econômica, os norte-americanos desdobram o buffet em um novo modelo de negócios. Os restaurantes *all you can eat* tiram proveito da queda do preço dos alimentos e testam uma ideia simples: talvez as pessoas gostem mais de poder olhar pra um monte de comida do que de ficar comendo sem parar até passar mal. Entra em cena o elemento psicológico da coisa. Não tão plenamente capazes de fazer cálculos rápidos sobre proporções e equivalências,

nos sentimos felizes no buffet livre menos pela ideia de ter que comer tudo, e mais pela ideia de poder comer tudo.

Quando a pandemia da COVID-19 obrigou os restaurantes a encerrarem seus self-services, me senti pessoalmente atacado. Desde sempre um grande apreciador do formato, não tardei a perceber que o quilão deixara uma lacuna existencial nas minhas semanas. Desde o bandeirão do Restaurante Universitário (que salvou minha vida, obrigado), passando pelo buffet livre a R\$ 15,90 do Jeito Mineiro (e o impacto da abóbora caramelizada combinada com a costela defumada), marcando presença em restaurantes inóspitos apenas para conferir a cremosidade do pudim das sobremesas, minha carreira como degustador de buffets estava ameaçada. Após o fim do período de máscaras, realmente, muitos não reabriram.

Não sei o quão difícil é manter um negócio assim: no Pesadelo na Cozinha, o chef Jacquin sempre convence os participantes do reality que esse modelo, o bom e velho quilão, é insustentável. O restaurante faz comida demais e cobra de menos. O ideal é reorganizar a equipe, a cozinha e o layout dos uniformes e mudar para o temido à la carte. Saem as bandejas de refeições quentes, saladas e pratinhos de hospital com pudim e entram as harmonizações, as descrições detalhadas das intenções do chef acompanhando cada item no cardápio e as comandas entregues na mesa, em vez de fechadas no balcão. Essa estratégia de gentrificação disfarçada de modernização de *pipeline* não me convence. Se todo restaurante do mundo fosse o The Bear da terceira temporada, os vikings do smörgåsbord estariam chorando no Valhalla.

A economia do restaurante, porém, não é nosso foco hoje. Tentemos retornar ao propósito inicial deste ensaio. Enquanto fenômeno social, o ato de se servir em um buffet não deveria ser encarado por um viés puramente utilitarista. Enfiar a comida na boca e mastigar é um mero detalhe do processo. Segurar o prato, calcular a composição da refeição mentalmente, ir depositando as porções e caminhar no ritmo da fila demanda uma grande dose de energia mental. Assim como já exploramos o quanto supermercados nos fazem sofrer, o buffet não é apenas espaço de reposição calórica, ele também é potencial expressivo. O buffet está vivo.

Eis, portanto, minha proposta: tamanho é o poder simbólico do quilão que o indivíduo, ao adentrar em seu perímetro, precisa adotar uma postura interpretativa para o fenômeno do self-service. As pessoas encaram o buffet de maneiras diferentes. De fato, até onde pude investigar, acredito que sejam quatro as formas de encarar a experiência de se servir em um buffet:

ABORDAGEM CIENTÍFICA

Vá até o restaurante mais próximo. Olhe para os pratos dispostos na sua frente. Me diga o

que você vê. Arroz, feijão, batata sauté, frango à milanesa, salada de tomatinho cereja? Errado. Olhe de novo. Mais de perto. Isso que está aí não é comida. Não existe comida. Existem carboidratos. Proteínas, lipídios, vitaminas. Mais importante: existem calorias, radicais livres, peridóxidos. Você não está montando seu almoço: você está montando seu intake calórico diário.

Cada vez mais comum, a abordagem científica nos impele a frequentar o buffet a partir de um olhar analítico. Turbinada pela profusão de nutricionistas e influencers da vida fitness, essa abordagem transforma as bandejas de comida em dados, informações. Não há um macarrão ao molho bolonhesa, há apenas números. Os talheres serão seus amigos, mas não mais importantes que a calculadora. Pela abordagem científica, servir-se no quilão é como jogar um videogame. Há pontos a serem marcados e checkpoints a serem cumpridos. A sobremesa é o chefe final da fase: você deve enfrentá-lo se tiver armazenado recursos para gastar na batalha.

Em sua tirania epistemológica, a abordagem científica busca responder tudo: o quê comer, o quanto comer, quando comer. Consequentemente, é uma abordagem confortável: basta seguir à risca seus mandamentos que a promessa da otimização do buffet aparece no horizonte. O problema não é tanto o consumidor se submeter a tal vertente, mas constatar que o próprio estabelecimento comercial se cientificou a ponto de tratar suas iguarias como, por exemplo, proteína animal submetida ao calor de 230 graus celsius acompanhada de elementos flavonóides caramelizados (R\$ 34,90), em vez de bife acebolado na chapa (R\$ 8,90).

ABORDAGEM HISTÓRICO-CULTURAL

Talvez, ao adentrar restaurantes, você esteja em busca de um sabor específico. Um apimentado sutil, um agri-doce que diz muito sobre sua personalidade, ou, quem sabe, você espera uma combinação perfeita de ingredientes cujo gosto seja capaz de resgatar algum momento da sua infância, na casa da sua avó, com seus primos. Talvez você goste de comida árabe. Quando, em um buffet, aquele tão aguardado prato aparece, você sabe que o restante da jornada está definido. Os demais alimentos são coadjuvantes.

Por essa abordagem, a ideia do buffet não é montar um prato perfeito ou equilibrado, mas de fazer essa composição corresponder à sua história de vida. Percorrer o self-service já não é mais uma missão para fazer do almoço uma correspondência perfeita ao ideal platônico de ALMOÇO, mas um momento de agrado. Obviamente, um prato histórico-cultural tem grandes chances de acabar se aproximando, pela tradição, de um composto científico. A proteína aqui, com o colorido da salada ali, e uma batatinha frita, e assim por diante. Como é possível isso? Há um arquétipo do almoço perpassando diferentes culturas? Ecos

de um passado distante se manifestando de conchada em conchada no buffet? Seja lá como for, o equilíbrio não é um privilégio científico. Mas, aqui, esse equilíbrio não é o objetivo: é a consequência.

Justamente, o problema do almoço histórico-cultural é quando ele acaba ficando cultural *demais*. Em busca da profusão de sabores, é do potencial ilimitado do buffet que surgem também as quimeras da *fusion cuisine* que o supracitado Marcos Nogueira problematiza. Poder escolher entre sushi e feijoada é legal, mas sabe lá que tipo de ativação cabalística ocorre quando esses dois componentes se encontram no prato.

ABORDAGEM PSICANALÍTICA

Há mais de cem anos um sujeito chamado Freud se destacou entre seus colegas da psicologia por insistir que, de um modo geral, nem sempre estamos presentes em espírito. Há forças ocultas, inconscientes, guiando nossas escolhas. Um preocupante cenário, não menos considerável em situações de self-service. Quando Luis Fernando Veríssimo reclama da batalha de Stalingrado que virou seu buffet de fim de semana, ele está revelando uma importante pista sobre sua abordagem: o buffet enquanto símbolo de forças agonísticas, que demandam respostas à altura.

A abordagem psicanalítica é o posicionamento adotado por aqueles que precisam elaborar uma narrativa para o ato de se servir em buffets. Há uma ordem correta, uma expectativa a ser cumprida — um inimigo a ser derrotado. Conversando sobre essas minhas hipóteses com meu amigo Natan, ele retruca dizendo que um esporte que muito pratica é o de tentar transformar buffets em à la cartes: servir-se como quem monta um prato de menu, com uma proteína central cercada de uma salada específica e, quiçá, belos legumes na brasa. Eis mais um flagrante psicanalítico: o buffet recusado não em seu conteúdo, mas em sua forma.

Em suas diversas configurações, esta abordagem também inclui as pessoas que “desativam”. Seguram o prato firme e, alguns minutos depois, já estão sentadas na mesa. Pouco importa o que está ali, o que interessa mesmo é atravessar o momento do almoço o mais rápido possível para voltar ao mundo real. O que une todos esses eventos é a desconfiança. As que tratam o rodízio como um desafio: fazer o dono do estabelecimento querer te mandar embora. E, se você é desses que, antes de se servir, caminha pelo buffet olhando guarnição por guarnição como se fizesse um controle de qualidade, aí vai a dica: o vazio que você procura preencher provavelmente não está no estômago.

ABORDAGEM ARTÍSTICA

Certa vez, enquanto aguardava na fila de um restaurante, vi um prato sendo montado da seguinte forma: no centro, um único brócolis, de pé. Seu brilhoso verde contratava com a

muralha de batatas-fritas que o cercava, todas cobertas pelo molho de stroganoff. O autor da obra era um jovem rapaz de não mais que sete anos e com cabelo cortado em forma de tigela. A abordagem artística, como o próprio nome sugere, rejeita pressupostos técnicos de qualquer origem para o buffet. Sua essência está na expressão pura, na contemplação e na estética. Montar o prato é pintar uma tela com os materiais que a natureza (a cozinha) fornece.

Essa abordagem, um tanto rara, se revela nos momentos mais inusitados. Aquele seu amigo que gosta de misturar tudo antes de começar a comer. A pessoa que precisa esmagar a comida com o garfo. O aficionado por azeitonas. O trabalhador da construção civil que precisa empilhar 2 centímetros de cada item do cardápio no próprio prato. Assim como os limites do universo da arte são desconhecidos, também o buffet se permite explorar de formas desviantes, descompromissadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sentado à mesa, sozinho, longe da ameaçadora senhora apressada, confiro o resultado: frango empanado, arroz, feijão, salada de rúcula com cenoura ralada. Cogumelos. Batata-salsa no vapor. Nhoque ao molho de quatro queijos. Por que fiz isso? O nhoque não devia estar ali. Algo aconteceu. Olho para as outras pessoas: como um caleidoscópio, o mesmo buffet está configurado aleatoriamente através do restaurante. Ele reúne as peças, mas não dá o manual. Em um ou outro prato o nhoque aparece: científico, ele dispensa mais carboidratos; cultural, porém, ele ainda aceita um quinto queijo, ralado por cima.

Lembremos, antes de encerrar esse ensaio, que é tudo uma questão de nuance. Talvez minha abordagem dependa mais do restaurante do que de alguma pré-disposição da minha parte. Talvez eu reserve 20% do meu prato para a arte. Nas minhas notas mentais, meus restaurantes favoritos sugerem diferentes estados de espírito. Ou você vai vestindo um jaleco pro buffet de sorvetes?

REFERÊNCIAS

Luis Fernando Veríssimo. O Buffet. In: **A mesa voadora**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Marcos Nogueira. **A verdadeira cozinha brasileira está no quilão**. Blog Cozinha Bruta, fev. 2019.

Whalen, E. Preserving fish and old traditions: Norwegian foodways and their adaptations in America. **Research Methods for Applied Food Studies**, 2020.

Business Insider: **How America's Largest Buffet Survived The Death Of All-You-Can-Eats**.

Ask Historians no Reddit: **What were 19th century restaurants like?**

Whitaker, J. **All you can eat**. Blog Restaurant-ing through history.



Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro Viva Ludovico, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com

Maria Clara Viana

cadeia alimentar

esperando a pipoca estourar
numa cozinha estreita nesse apartamento branco
pergunto se vocês teriam um relacionamento
aberto

você diz que não e que é triste que os cisnes

fiquem sozinhos para sempre

após a morte

do parceiro

eu não sei nada sobre a vida

amorosa dos animais

além da nossa interpretação

romântica

penso que sei onde estou

me metendo

mas acendo incensos

quando não sei onde guardei

algo

sinto onde está e então

encontro

na verdade eu não sei

como te conquistar

chamo para irmos comer

um espetinho

tomar um açaí na praça

fico esperando dar a hora

do beijo e depois

a hora de sumir

virar uma história que ninguém saberá

se aconteceu ou não

você vai evocar meu nome

numa noite abafada

seus amigos vão rir

eu estarei tentando

não me decepcionar

não te assustar

pensando se a terra é mesmo

carnívora

quando come a gente

nossa carne podre

decomposta

ninguém considera a interferência do amor

na cadeia

alimentar



cabelo na comida

crescer e tirar um cabelo da comida sem
anunciar

tem um cabelo no prato

você tira e come

abrir mão do vegetarianismo, comer
uma coxinha de frango com catupiry

é preciso amarrar o discurso

combinar uma mentira

contar sem deixar

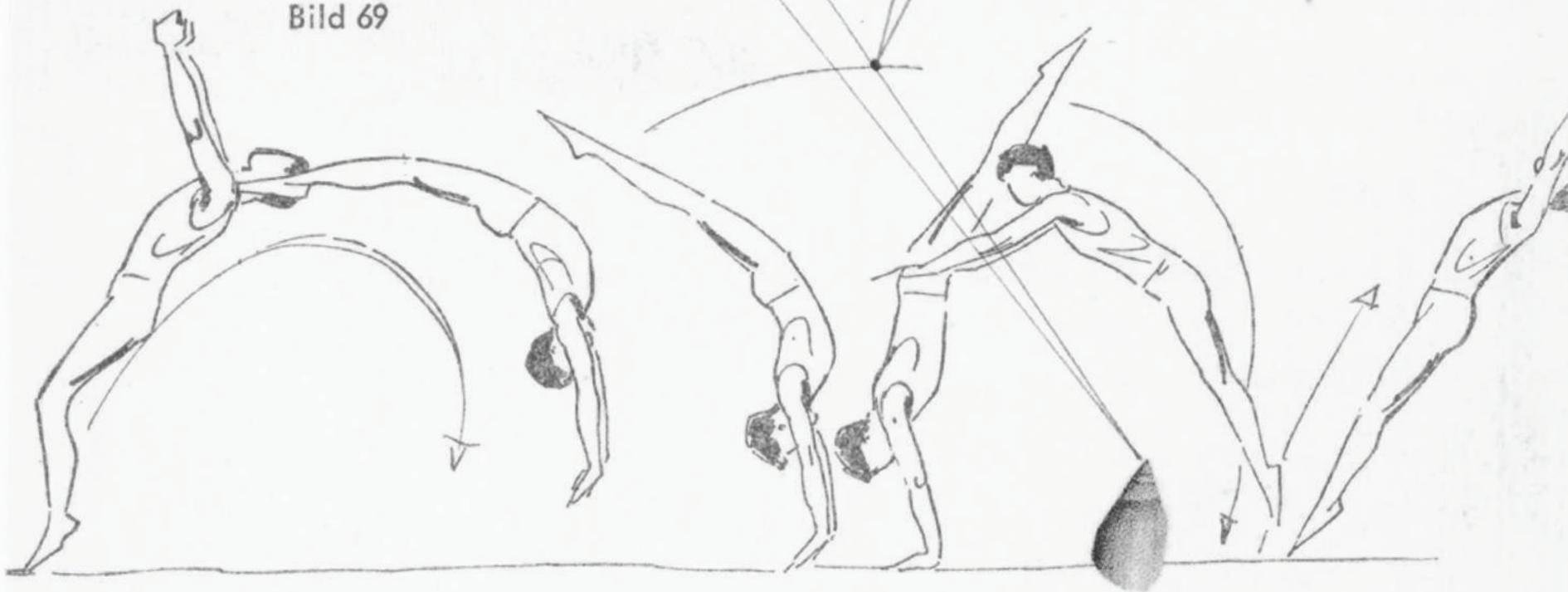
pontas soltas

mentir sem deixar brechas para que

desconfiem



Bild 69



**Poetas e Ficcionistas,
venham prosear com a gente**
 publique conosco @ editorapangeia.com.br
 Conheça mais
 www.editorapangeia.com.br

Nós nos desdobramos / Para que cada Escritor /
Tenha uma casa / Que possa chamar de Sua

*você tem
um livro de poesia?* *nós temos
seus leitores*

envie um email para
contato@faziapoesia.com.br
 e inclua sua obra nos canais do portal Fazia Poesia

SINETE
 BRASILEIRA

Valorizando a literatura
brasileira contemporânea.

Confira nosso catálogo e conheça nossos autores.
editorasinete.com.br

Diana Joucovski

sombra

a lembrança mais forte que tenho da infância é a cabeça da minha mãe. uma bola negra reluzente esburacada como a lua, queijo suíço apodrecido ou a impressão da bomba sob o olhar da minhoca, falhas gritantes de caráter e ausência de afeto, esses buracos de alma velha. coisa que para quem nunca faltou, surpreendia, eram feridas de excesso. minha mãe de camisola sentava rente à penteadeira feito uma figura vitoriana e penteava o cabelo comprido e grosso como fazem as outras mães, exceto que com os dedos numa tração prazerosa, sexual, de um ir e vir indolor ou, mesmo que houvesse, passava minutos se desfazendo como que recordando de uma vida em que foi um novelo de lã. e enquanto se desenrolava, me fitava pelo espelho para ver se eu estava olhando e, se estivesse, mandava pentear meu cabelo também, com a escova não porque estava sempre suja, você sabe que o pente tem bactérias, o certo é desembaraçar com a mão. depois de extrair de mim o que conseguia, com alguma dor eu formava um punhado e entregava à minha mãe como oferenda, as mãos em forma de coração, toma, mãe, é meu desenho, ao que ela já satisfeita pelo volume do próprio elixir dizia como é bom, não é? vai me falar que agora você não se sente mais leve. e eu dizia que me sentia mais calma, mas bobagem, meu sono era de vigília, mentia para que ela se acalmasse, pois em fúria fazia o mesmo com os cílios até não sobrar para escudar os olhos e chorava pelo shampoo que caía no olho e pela fuligem da usina elétrica onde meu pai trabalhava, que nos alcançava como se chovesse as cinzas de corpos cremados ao entardecer. eu tinha que socorrer minha mãe, que nunca pensava que o problema era a falta de cílios e sim uma alergia de tudo, principalmente da fuligem da usina elétrica, o que a fazia roer as unhas em frenesi até meu pai chegar, para ameaçar juntar as fatias, picar em pedaços menores e esconder em sua marmitta se ele não promettesse parar. parar com o que se sou chão de fábrica, meu pai se

defendia, encurralado pela besta pelada que tomava conta de sua mulher, se você quiser nos mudamos. mas nunca citava a suspeita de algo errado, ao invés, ele lhe oferecia um par de cílios ou unhas postiças se quisesse, um

aplique, se quisesse, uma consulta com o dermatologista para tratar dessas ausências, com nutricionista para tratar da fraqueza, como

se não soubesse. porque meu pai era tão oco que se lhe faltássemos viria a pó, e, para certas pessoas, é melhor ter alguma uma espécie de amor deformado do que nenhum. havia também que meu pai por ser homem era incapaz de intuir o mal apesar de ver, o que o tornava cego diante da bestialidade que há no abismo de uma mulher à beira da loucura, dentro. pouco antes da minha mãe chegar ao fim do

novelo, eu fazia treze anos e sonhava quando meu pesadelo me acordou, a ca-

beça enfaixada há dias, tinha tentado arrancar o cabelo do escalpo com uma faca de manteiga para evitar que nascesse, à meia-luz parecia um enfermo com sua demência cancerígena.

quero muito que veja uma coisa porque foi com essa idade que descobri, e me tomou pela mão feito uma criança que toma outra para ver um formigueiro ou o carro de churros passando na

rua, ouvi a voz do alto-falante na minha cabeça, atenção, criança, chame o papai, chame a mamãe, está passando o carro dos churros. pensei no meu pai, que, naquela época, só chegava

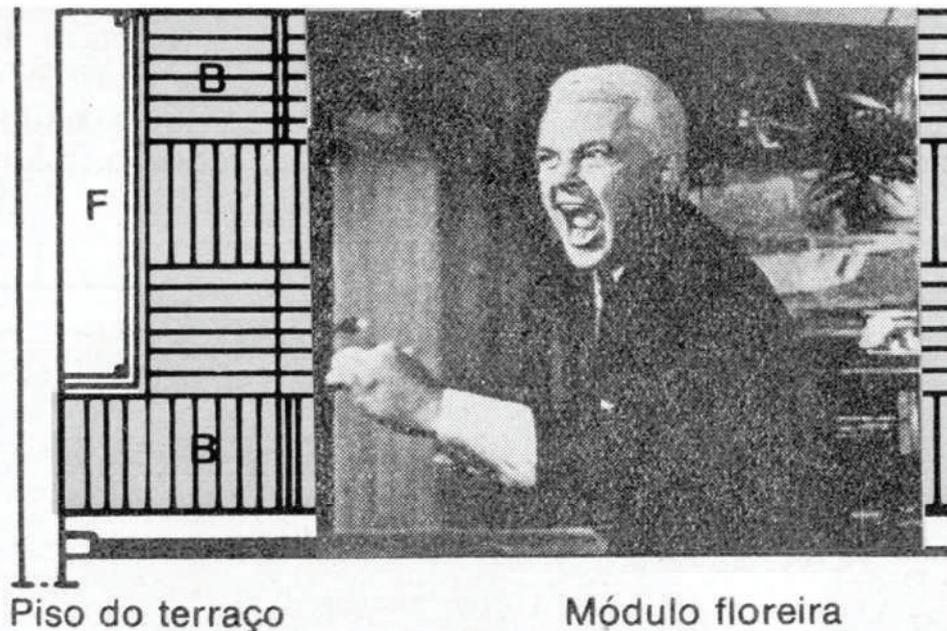
tarde e às vezes nem, que não o culpava porque nos últimos anos se alimentava no máximo dos restos da minha mãe, e que, como ela o detestava na mesma medida que o amava, eu

também poderia amá-la na mesma medida que a detestava. e toda essa escassez minha mãe cobriu com a fuligem que saiu de sua boca e escureceu a grama, ruínas de seu coração carbonizado, ao passo que desatava a faixa e de suas feridas saía mais fuligem. queimava,

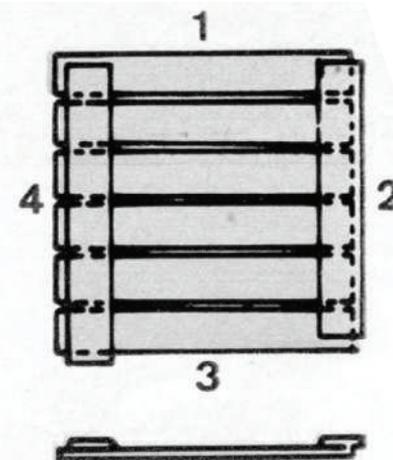
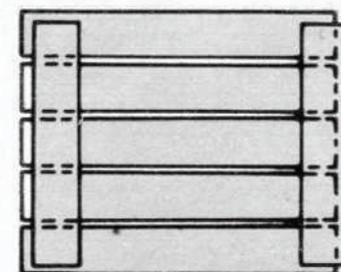
percebi, queimava dentro da minha mãe aquilo que me esquentava, sem saber que em mim já era chama, como qualquer criança pensaria que é o amor. minha mãe contente porque, afinal, era meu aniversário, passou a mão longa devagar pela minha cabeça, sorriu

ao pequeno punhado do meu cabelo em seu poder e soltou no chão. na grama nossas sombras como que duplicadas, encarei minha mãe, ela levou o dedo aos lábios rachados, xiu. se inclinou, senti seu diabo, nos cumprimentamos. filha, minha mãe sussurrou, toda

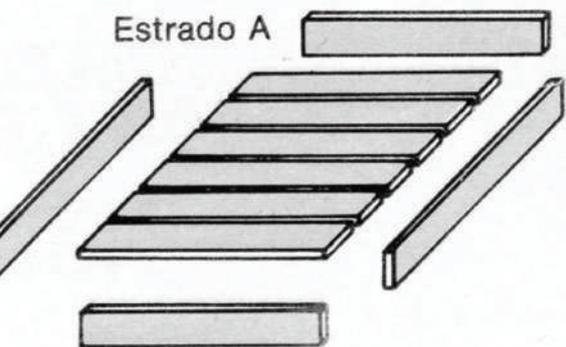
mulher carrega consigo uma sombra a mais. esse foi nosso primeiro e último segredo.



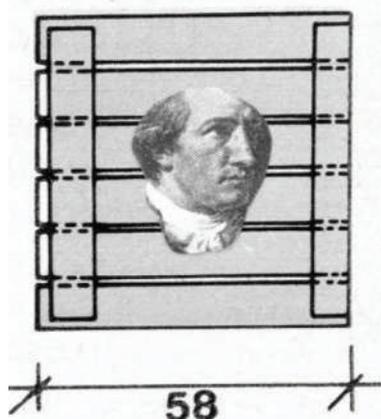
Módulo floreira



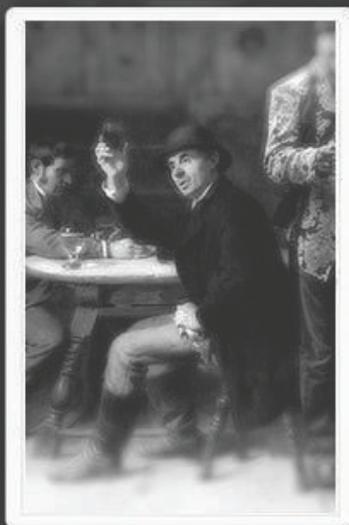
Estrado A



Módulo R1







6.6K 3.8K 1.2K

Robert Esponja: o pé d'água

2024 Directed by [Toninho Pirassununga](#)

O CAMINHO DA REDENÇÃO? PARAÍSO AQUÁTICOS ARTIFICIAIS.

A vida triste e solitária que reflete as angústias modernas (não é um bait para millenials cringe).

CAST CREW DETAILS GENRES RELEASES

Sheldon Mello Natalie Portman Ryan Gosling

Kate Blanchett Daniel Zanella "The Rock"

O Alien do filme "O Alien" Romário ??????



Watch



Like



Watchlist

Rate



Show your activity

Review or log...

Add to lists...

SÉTIMA ARTE

ROBERT ESPONJA ESTREIA SEQUÊNCIA DE FILMES ADAPTADOS AO PÚBLICO ADULTO

Robert Esponja: o pé d'água entra em cartaz em novembro, mas somente depois do turno das 22h.

Leitura mística de pelo pubiano, continuidade do uso do cartão de crédito para bets ou volta do gol qualificado fora de casa. Nada disso. Sem vender nenhum curso, o **Relevo** mostra qual será a verdadeira febre dos próximos meses: a produção de filmes supostamente adultos para histórias supostamente infantis. A nova tendência, empolgada com senhores de 35 anos que se comportam como se tivessem 20 e gostam de filmes para a faixa dos 10, acompanha o movimento de um mercado cansado de fazer dinheiro com nostalgia (com N, não com B).

“Chega de fantasia: agora é imposto, boleto e bomba”, promulga o cineasta Arnaldo Labor, que acaba de entregar o roteiro de *Rio Mil Grau*, a continuação de *Rio 2*, em que a ararinha Blu tem de lidar com o comércio indiscriminado de pods, *streamings* piratas e o aumento do custo da bebida no Paraguai. “O espectador não aguenta mais filme de bichinho fofo que não trabalha, não acorda cedo, não é convidado a se desligar da firma”, alega Labor, ele mesmo um resultado do último passaralho da Rede Globo. *Rio Mil Grau* terá uma versão dublada em carioca, sem censura,

com todos os palavrões naturais ao contexto da trama, e outra em brasileiro, com adição de bossa nova gerada por inteligência artificial.

Desde *O Menino Realmente Maluquinho*, de Christopher Rola, narrando um universo paralelo em que Zivaldo cheira pó com o físico Bobby Oppenheimer, a *Rei Leão: O Imposto Mora ao Lado*, em que Joseph Padulha investiga os meandros perversos da União, a produção mais aguardada, sem dúvidas, é *Robert Esponja: o pé d'água*.

Dirigido por Toninho Pirassununga e patrocinado pela Ambev, Robert Esponja (Sheldon Mello) é um reles atendente de Itajaí que um dia já foi cheio de sonhos e alegria, mas agora se encontra imerso no pesadelo da vida adulta, sem dominar seus novos vícios e desolado pela perda da namorada para o melhor amigo.

Como funcionário não muito exemplar da rede de fast food Boob's – um vacilo da produtora, que não pediu autorização de uso da marca representada em troca de alimentação para o elenco – e agora apelidado de João de Barro pelos colegas em função da fama de único pássaro corno da natureza, ele descobre que a verdadeira batalha não é contra os galhos. É contra o relógio-ponto, o café de baixa qualidade da firma e o chefe de equipe de 23 anos, com MBA em Liderança Fast e convicto de que a medicalização psiquiátrica entre jovens é apenas uma conspiração da indústria farmacêutica.

O caminho da redenção? Paraísos aquáticos artificiais. Se no começo Robert acreditava que o segredo do sucesso era o bom atendimento e uma pitada de diversão sem grandes preocupações, agora o nem-tão-jovem precisa lidar com a vontade de beber todo dia, logo que acorda, enquanto testemunha e quem sabe fomenta pequenos golpinhos no fechamento do caixa, surta com os e-mails diários da gerência e seus conteúdos motivacionais e as dificuldades para não chegar todo dia 15 minutos atrasado por conta do trânsito. E como resistir às longas jornadas de trabalho sem um estimulante...?

“É uma fábula moderna”, declara Pirassununga, também escritor do roteiro, que, segundo ele, não guarda similaridades com a sua trajetória, embora a equipe de reportagem do **Relevo** saiba de sua passagem por certo grupo de apoio com acrônimo de pilha depois de... “pera lá, fui detido, não preso”, defende-se, já batendo nos bolsos em busca de um cigarro. “Reduzi para uma carteira por dia”.

Na história repleta de muita vida comum, depois do expediente, Robert se junta a outros funcionários no posto de gasolina mais horroroso da região

para uma rodada de chope duplo e aguado. Entre um desconto na folha de pagamento e a troca de broncas com o chefe por ter esquecido a touca higiênica, Esponja percebe que a vida adulta é como uma figurinha ridícula de WhatsApp – e tão efêmera quanto.

Despontando como um dos grandes talentos de sua geração, Pirassununga abre a caixa de ferramentas para retratar a passagem da vida do triste Robert, que de turno em turno – e de gole em gole –, por um motivo ou outro, não consegue largar seu emprego. Assim, acompanhamos o protagonista ao longo de décadas, observando seu descenso moral, físico e de ponto eletrônico. A esponja seca.

O trabalho de maquiagem realizado na caracterização de um Sheldon Mello idoso, surpreendentemente assinado por Tião Brabo – muito atuante nas redes sociais por ser “apenas um cara hétero que curte maquiagem (‘curto futebol e cílios, oras’)” –, venceu o Perikito de Ouro em Gramado. A trilha sonora, composta pelo DJ experimental C_D_SKY – que cobrou *bem* barato diante da ameaça da IA –, mescla a influência do K-pop com a brasilidade do chorinho com sons repetidos de latas se abrindo (o grupo Stomp foi contratado, depois demitido antes mesmo de entrar no estúdio, apenas pelo prazer vingativo da produtora executiva, que desde a quarta série sonhava em barrá-los de alguma coisa). O crítico Rubens Waltinho aprovou a trilha, classificando-a como “o grande happy hour do ano” nos escombros da Pitchfork.

De fato, *Robert Esponja: o pé d'água* está longe de ser *bait pra millennial cringe*, apesar das (fracas e desnecessárias) alusões ao famoso desenho da esponja num oceano cheio de mutações genéticas por acidente nuclear (se a gente dispara uma bomba nuclear no mar é realmente um acidente?). Outro destaque não positivo fica com o longo plano-sequência em que Robert se tranca no banheiro da firma para ver, no YouTube, 26 minutos de “Os bêbados mais engraçados da internet”.

Apesar de excessos como esses, *Robert Esponja: o pé d'água* se sobressai imensamente, promovendo Toninho Pirassununga a um panteão promissor do cinema mundial. Ele já tem recebido ofertas da A12 – *spinoff* da A24 com metade do orçamento, mas sediada em Curaçao – para dirigir o *thriller* gastronômico (*Agora eu sei*) *Quem mexeu no meu queijo*, previsto para 2026. Ouça o **Relevo**: filmes supostamente adultos para histórias supostamente infantis vieram para ficar. Ao menos por uns oito minutos.

Algumas notas sobre ambientação e caracterização

Hoje, queremos trazer premissas. Questionáveis, narratologia de boteco.

Queremos expor como os dois elementos primordiais de uma grande narrativa são **caracterização** e **ambientação**. Enredo é secundário, diálogo também. Isso não significa que não sejam importantes, apenas que – para este humilde e desqualificado editor –, no frígido dos ovos, caracterização e ambientação sempre se sobrepõem.

Em outras palavras, com ótimos personagens e um ambiente envolvente, uma grande narrativa não requer uma grande história. Ou história alguma.

Juntar feng shui e personal branding



Ambientação: o texto poderia acabar aqui, sem texto. Nighthawks, é claro, por Edward Hopper (1942).

Ambientação é a capacidade de uma narrativa representar o espaço da ação. Isso na literatura, no cinema, na televisão, no teatro, no videogame. Em termos práticos, a boa ambientação traz vontade de estar – fisicamente – no lugar onde a narrativa transcorre.

O exemplo mais óbvio é *Blade Runner*. Seria legal morar – isto é, de verdade, a valer – no universo de *Blade Runner*? Muito provavelmente não. O planeta está destruído¹, não há muita margem para otimismo, só chove e você pode se descobrir um androide. Mas dá vontade (e, para ser sincero, ainda parece melhor que São Paulo). Só a cena de perseguição a Zhora apresenta camadas e mais camadas daquele universo, com uma profundidade tão convincente quanto catártica. E *bonita*.

Mesma coisa para *Mad Max*: com certeza não seria divertido viver no meio do deserto brigando por água e comida – SEM TOMAR BANHO –, porém a simbiose entre veículos, roupas e demais objetos simplesmente nos desperta uma coceira de pintar o rosto, vestir uma jaqueta de couro e dirigir inalando areia radioativa.

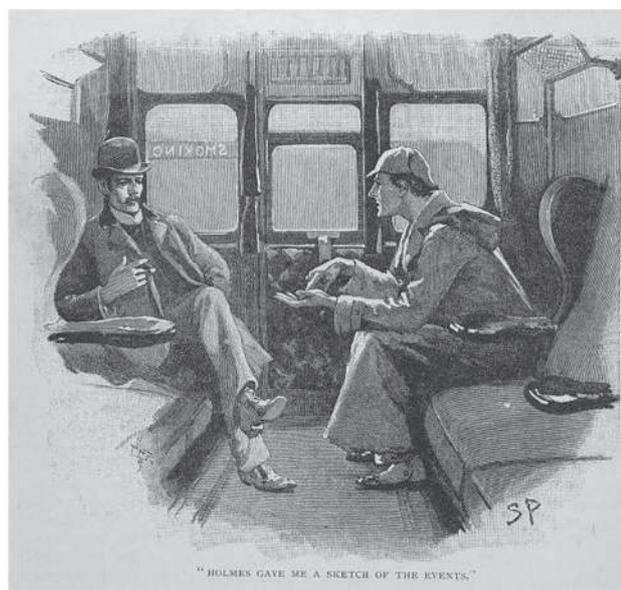
Tron: Legacy é um filme fraco (para ser bem generoso), e ainda assim me dá vontade de ser um pendrive, ou o que quer que aqueles pendrive sejam. O jogo *Batman: Arkham Knight* não me interessa nem por Batman, nem por Arkham Knight, nem por nenhuma história, e me deixa instigado a visitar Gotham City. *Mad Men* me desperta o anseio de fumar, beber um *old fashioned* às 10h37, usar telefones de disco e, pasmem, trabalhar com publicidade.

E ainda temos a caracterização, isto é, a representação das personagens. Naturalmente, a boa caracterização torna suas personagens fascinantes, o que permite nosso envolvimento e/ou identificação. Existe uma razão pela

qual Sherlock Holmes é adaptado todo mês (além do domínio público), mas ninguém lembra o nome de um protagonista de um filme do Christopher Nolan².

Para ficar apenas na literatura policial, Raymond Chandler e James Ellroy são mestres nisso. Ninguém lê Chandler preocupado com o que *vai acontecer*, e inclusive já publicamos uma

citação divertida do próprio sobre esse assunto (*Baiú* da ed. 50). *O Sono Eterno* e *O Longo Adeus*, entre outros, são fascinantes porque contêm personagens peculiares em cenários estimulantes (com ótimos diálogos, aliás).



Holmes, por Sidney Paget: o coitado nunca teve o direito de morrer. Eis o verdadeiro problema final.

E N C L A V E

a newsletter do Jornal **Relevo**

Assine e receba de graça em seu e-mail:
<<https://jornalrelevo.com/enclave>>

Décadas depois, Ellroy, um de seus tantos discípulos, nos mantém atentos às suas obras porque sabe criar investigadores terrivelmente pecadores, mas incrivelmente humanos. Seus protagonistas carregam fardos (entregar compatriotas durante a guerra, agredir a esposa enquanto luta pela guarda do filho, reprimir a própria sexualidade), mas avançam conforme lidam com as próprias falhas, sem se resumir exclusivamente a elas.

O oposto dessa combinação de qualidades, sem querer ser implicante, seria uma baboseira como *Tenet* (2020). Tudo é história, ação cronometrada numa dissecação científica e desprovida de paixão. Enquanto isso, tanto o protagonista (chamado Protagonista, ...) como o vilão são as criaturas mais desinteressantes da humanidade. Como os diálogos não ajudam, resta a p**hetação do enredo pelo enredo. O que no máximo sustenta, e no mínimo não marca.

Um filme como *John Wick* – qualquer *John Wick* – é infinitamente mais interessante, para não dizer profundo (porque “profundo” não diz nada). Afinal, o protagonista, seus adversários e seus cenários são *legais*. Ponto. Existe uma magia incrível em qualquer coisa *legal*, no sentido amplo, raso e banal, porém instintivo de *cool* mesmo. O primeiro *Kingsman* conseguiu isso; os outros não.



BECAUSE IT'S SO MUCH FUN, JAN!

Ainda no cinema, Quentin Tarantino é um ótimo exemplo disso. Claro, seus filmes também são famosos por diálogo e enredo – mas pense na caracterização. Todas as personagens de *Kill Bill*, sem exceção, são extremamente cativantes. Isso se repete em *Django*, *Pulp Fiction* etc. No seu catálogo, entretanto, há uma joia primordialmente concentrada em caracterização e ambientação. Trata-se de *Era uma vez em Hollywood* (2019), uma obra-prima proporcionalmente pouco valorizada. Existe ali uma magia incomparável na maneira como o diretor foi capaz de retratar personagens cativantes em um ambiente

igualmente instigante. Eles não precisavam *fazer* muita coisa, ou coisa alguma.

Se você se lembra de *Twin Peaks* quando chega o inverno ou visita uma cabana à noite – ou quando vê um piso preto e branco, quem sabe com uma cortina vermelha –, isso acontece porque a ambientação te marcou. Da mesma forma, a “Log Lady” e o “Man from Another Place” não devem somar cinco minutos de fala ao longo da série, e ainda assim se gravaram no imaginário popular. Como Lynch também conseguiu com o “Mystery Man” de *Estrada Perdida*. Isso é o efeito da caracterização.

Poderíamos estender esses exemplos infinitamente. Uma ideia não está completamente separada da outra e, ao contrário, é natural que ambientação, caracterização, diálogo e enredo impulsionem um ao outro num círculo virtuoso. Com diálogos pobres é mais difícil tornar um personagem complexo, e assim por diante.

Em que pese o valor inquestionável de um bom enredo e de grandes diálogos³, no entanto, parece-me que nossa relação de afeto sempre será mais forte com o efeito da ambientação e da caracterização, muito em função de seu apelo visual (ou audiovisual). Mesmo que estejamos falando de literatura, com a descrição do ambiente e das personagens. Não *enxergamos* diálogo e enredo, mas enxergamos espaço e pessoas, seja com os olhos, seja projetando a partir da leitura.

Yeah, well, you know, that's just, like, your opinion, man.

¹ Como estamos distantes, não? Chegaremos lá, mas sem os visuais bonitos.

² “Oppenheimer” não vale!

³ Não tenho vontade alguma de reassistir à última temporada de *Succession*. Quase tudo ficou concentrado no fator “o que vai acontecer” a partir de uma pergunta específica. Uma vez respondido isso, o que sobra passa longe de ser ruim, mas é bem menos mágico.



Transmembramento da canção é uma antologia bilíngue de poemas e ensaios de Hart Crane (1899-1932), um dos grandes poetas dos Estados Unidos.

Introdução, tradução e notas: Anderson Lucarezi.

Edição: Vanderley Mendonça (Selo Cobalto).

Mais informações: cobaltolivros.com.br

Quatro poemas de Hart Crane

Tradução e introdução de Anderson Lucarezi

Hart Crane (1899-1932) foi um dos grandes poetas dos Estados Unidos. Em vida, publicou *White Buildings* (1926) e *The Bridge* (1930). Fragilizado pelo alcoolismo e por frustrações de diversas naturezas, saltou de um barco no Golfo do México, deixando um projeto inconcluso: *Key West: an Island Sheaf*. Sua linguagem, ao mesmo tempo densa e magnética, atraiu o interesse de inúmeros estudiosos e artistas, como Harold Bloom, Allen Ginsberg, Jasper Johns, James Franco, entre muitos outros. *Transmembramento da canção: poemas e ensaios escolhidos* (Selo Cobalto, com tradução minha) é o primeiro livro brasileiro integralmente dedicado a Crane.

VOYAGES III de *White Buildings*, 1926

Infinite consanguinity it bears —
This tendered theme of you that light
Retrieves from sea plains where the sky
Resigns a breast that every wave enthrones; While ribboned water lanes I wind
Are laved and scattered with no stroke
Wide from your side, whereto this hour
The sea lifts, also, reliquary hands.

And so, admitted through black swollen gates That must arrest all distance otherwise, — Past whirling pillars and lithe pediments, Light wrestling there incessantly with light, Star kissing star through wave on wave unto Your body rocking!

and where death, if shed, Presumes no carnage, but this single change, —
Upon the steep floor flung from dawn to dawn The silken skilled transmembrament of song;

Permit me voyage, love, into your hands...

TO BROOKLYN BRIDGE de *The Bridge*, 1930

How many dawns, chill from his rippling rest The seagull's wings shall dip and pivot him, Shedding white rings of tumult, building high Over the chained bay waters Liberty —

Then, with inviolate curve, forsake our eyes As apparitional as sails that cross
Some page of figures to be filed away;
— Till elevators drop us from our day...

I think of cinemas, panoramic sleights
With multitudes bent toward some flashing scene
Never disclosed, but hastened to again,
Foretold to other eyes on the same screen;

And Thee, across the harbor, silver-paced As though the sun took step of thee, yet left Some motion ever unspent in thy stride, — Implicitly thy freedom staying thee!

Out of some subway scuttle, cell or loft
A bedlamite speeds to thy parapets,
Tilting there momentarily, shrill shirt ballooning, A jest falls from the speechless caravan.

Down Wall, from girder into street noon leaks, A rip-tooth of the sky's acetylene;
All afternoon the cloud-flown derricks turn... Thy cables breathe the North Atlantic still.

And obscure as that heaven of the Jews, Thy guerdon... Accolade thou dost bestow Of anonymity time cannot raise:
Vibrant reprieve and pardon thou dost show.

O harp and altar, of the fury fused,
(How could mere toil align thy choiring strings!)
Terrific threshold of the prophet's pledge, Prayer of pariah, and the lover's cry, —

VIAGENS III TRADUÇÃO

Guarda infinita consanguinidade —
Tal tema oferendado por você que a luz
Traz da oceânica planície onde o céu
Renega um seio entronizado pelas ondas; Enquanto as pistas d'água pelas quais serpeio São enxaguadas e dispersas sem batida
Ao largo do seu flanco, aonde nesta hora
O mar ergue, também, mãos relicárias.

E admitido ao inchaço de portões escuros Que obstam outros tipos de distância, — Sob pilares giratórios, frontões macios, Luz se atracando sem descanso, lá, com luz, Estrelas se beijando, onda a onda, até O embalo do seu corpo!

e onde a morte, se vertida, Não pressupõe carnificina, só mudança, — Na faixa funda que refluí de aurora a aurora Macio, sutil transmembramento de canção;

Permita, amor, que eu viaje às suas mãos...

Again the traffic lights that skim thy swift Unfractioned idiom, immaculate sigh of stars, Beading thy path — condense eternity:
And we have seen night lifted in thine arms.

Under thy shadow by the piers I waited; Only in darkness is thy shadow clear.
The City's fiery parcels all undone,
Already snow submerges an iron year...

O Sleepless as the river under thee, Vaulting the sea, the prairies' dreaming sod, Unto us lowliest sometime sweep, descend And of the curveship lend a myth to God.

OLD SONG

Thy absence overflows the rose, —
 From every petal gleam
 Such words as it were vain to close,
 Such tears as crowd the dream.
 So eyes that mind thee fair and gone,
 Bemused at waking, spend
 On skies that gild thy remote dawn
 More hopes than here attend.
 The burden of the rose will fade
 Sped in the spectrum's kiss.
 But here the thorn in sharpened shade
 Weathers all loneliness.

da publicação póstuma
Key West: an Island Sheaf,
 1933

CANÇÃO ANTIGA TRADUÇÃO

A tua ausência verte pela rosa, —
 De cada pétala com brilho
 Igual palavra vã se silenciosa,
 Qual pranto que povoa o idílio.
 O olhar que nota teu primor faltante,
 Perplexo quando acorda, gasta
 Em céus que douram clarear distante
 A fé que neste chão não pasta.
 O fardo que há na rosa se amiúda
 No beijo de uma assombração.
 Aqui, porém, o espinho em sombra aguda
 Suporta toda a solidão

— AND BEES OF PARADISE

I had come all the way here from the sea, Yet met the wave
 again between your arms Where cliff and citadel — all verily
 Dissolved within a sky of beacon forms —

Sea gardens lifted rainbow-wise through eyes I found.

Yes, tall, inseparably our days
 Pass sunward. We have walked the kindled skies Inexorable
 and girded with your praise,

By the dove filled, and bees of Paradise.

— E ABELHAS DO PARAÍSO TRADUÇÃO

Andei a trilha inteira vinda do oceano
 Mas dei com nova onda dentro dos teus braços Onde penhasco e cida-
 dela — sem engano Se dissolviam em céu de farolados traços —

Corais subindo ao arco-íris nos olhares Achei.

Sim, alto, nossos dias, indivisos,
 Vão rumo ao sol. Atravessamos céus solares Cingidos, implacáveis, do
 que preconizo,

Repletos da pomba, e abelhas do Paraíso.

À PONTE DO BROOKLYN TRADUÇÃO

Aurora após aurora, frias por pairar,
 Mergulharão em giro as asas da gaivota
 Vertendo aros brancos de tumulto, erguendo Sobre a
 baía agrilhoada a Liberdade —

Deixando, em curva inviolada, os nossos olhos Tão
 fantasmiais qual velas que atravessam Alguma página
 arquivada com quantias; — Até o elevador nos
 despejar do dia...

Penso em cinemas, artifícios panorâmicos Com
 turba presa à cena que não se revela, Mas que com
 seu prenúncio fulgurante atraindo, Rápida, outros
 olhos para a mesma tela.

E Tu, cruzando o porto, em ritmo de prata Como
 se o sol partisse, mas em ti deixasse Um movimento
 inesgotado em teu percurso, — Possuis, implícita,
 contigo, a liberdade!

Saído de metrô ou cela ou sótão,
 Um louco lança-se a teus parapeitos, pende, Camisa
 farfalhante inflando igual balão, Um chiste cai da
 caravana emudecida.

Wall Street — da viga à rua, o meio-dia vaza, Dente
 de serra do celeste acetileno;
 Guindastes plana-nuvem giram a tarde inteira...
 Teus cabos sorvem a calma atlântica do Norte.

E obscura como o paraíso dos judeus,
 A tua recompensa... Dás em sagrações
 De anonimato não desfeitas pelo tempo: Vibrantes
 penas adiadas e perdões.

Ó harpa e altar, por fúria misturados,
 (Que esforço organizou em coro tuas cordas!) Por-
 tal tremendo da promessa do profeta, Prece de um
 pária, e grito de um amante, —

Semáforos de novo roçam teu veloz
 Idioma indivisível, suspirar de estrelas,
 Perlendo o curso teu — condensa a eternidade: E
 vimos, levantada, a noite nos teus braços.

Sob sombra tua, junto ao píer, esperei;
 Tua sombra é clara só na obscuridade
 A neve já submerge um ano férreo,
 Desfeita cada parte ardente da Cidade...

Ó Tu, insone como o rio que corre abaixo, Aboba-
 dando o mar, sonhada pradaria,
 De vez em quando, sobre nós, humildes, desce; Da
 curvatura empresta a Deus mitologia

Maria Emanuelle

Chicletes tutti-frutti

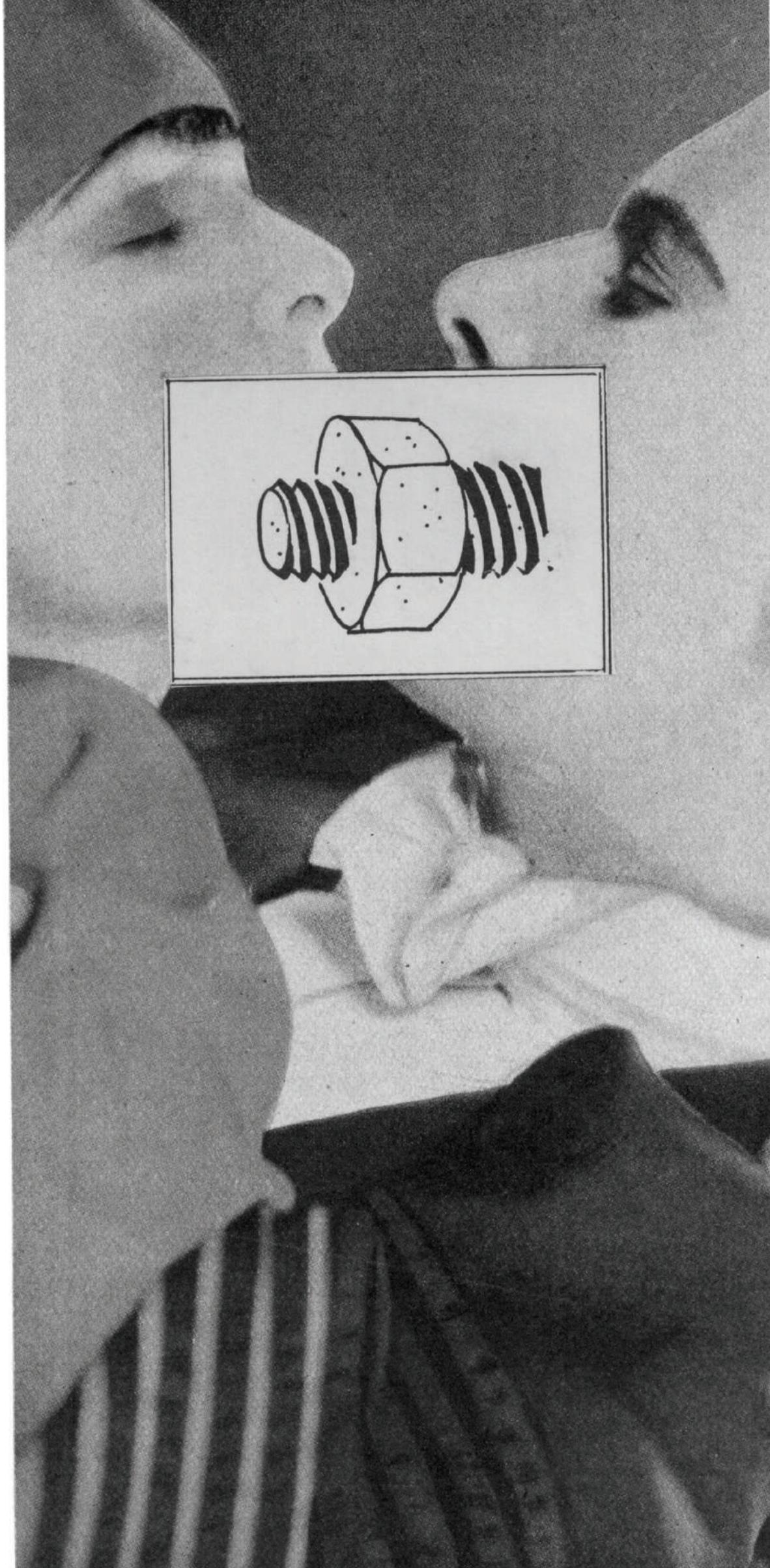
andar sempre na ponta dos pés
descalça e silenciosa
sem olhar para os Reumatismos
não se pode despertar os Nomes
todos sob o tegumento de charcutarias
quieta, cada vez mais quieta
imóvel, translúcida, intocada
como a saudade grotesca das cristaleiras
podes beber nos meus copos
esta poeira na superfície
é do acúmulo de olhos

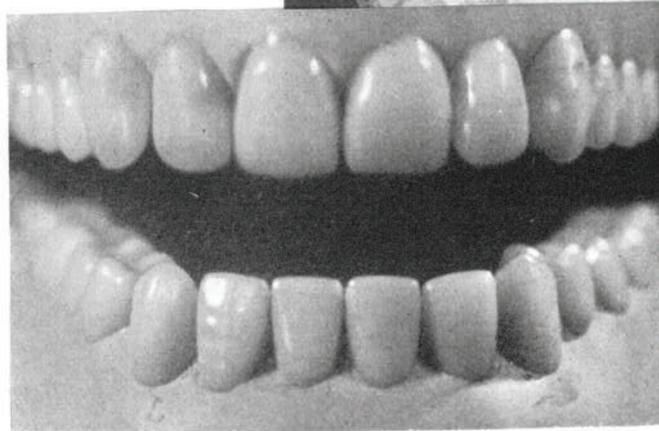
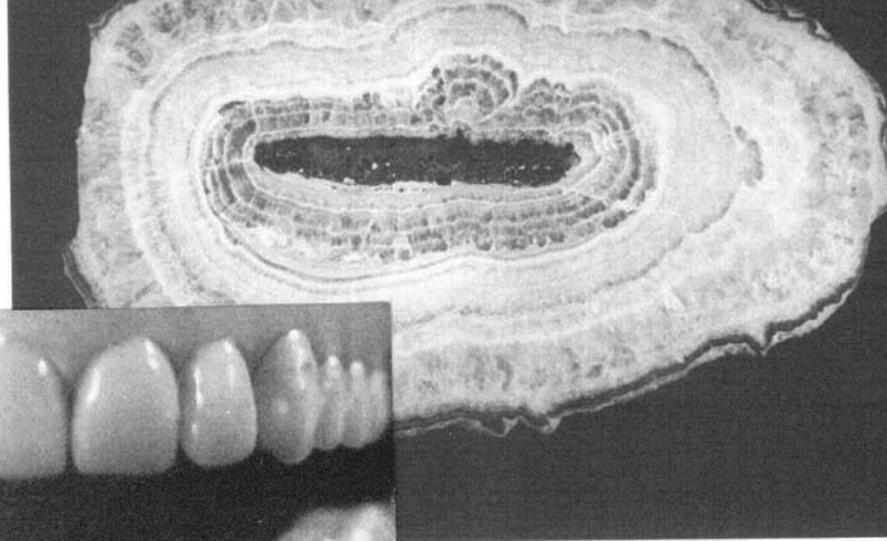
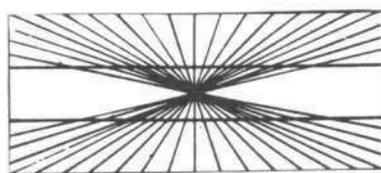
mesmo crescer no escuro é ir em direção a luz

tudo é pequenino,
para ver é necessário arregalar os olhos,
roubar o rosto do tempo
como quem pesca tamarindos
para com os dentes quebrar sua casca
e com a garganta chupar fortemente
seu sumo azedo
até subirem as canelas
múltiplos caules de muriçocas

Algas Vermelhas

na primeira vez que entrei no rio
fechei os olhos e mergulhei profundamente
fiquei com gosto de areia e sangue na pele
passei então
a mergulhar como quem para a noite se despe
não completamente, apenas o suficiente
sabendo que tanto na noite quanto no rio
a Areia sempre vem





Ritinha

ERitinha, que tinha trinta e não tinha marido, era vítima incessante da terceira idade. Os coroa viúvões da Praça Tiradentes já têm por padrão de pensamento que uma professorinha solteira nessa idade aceita qualquer velho meia-boca que se vista bem, e acreditam piamente que uma piscadela, com um Carlton de canto de boca, constitui o pacote necessário para conquistar a moça que passa, todos os dias às 14h30, a caminho da Catedral.

Ritinha não se importa. Incomoda-se mais com as tias que tentam empurrar-lhe o Paulão da contabilidade a todo custo. “Devia enamorar-se dele, tão bom partido... impensável como anda livre o reparigo.” “Tem apenas dois anos de mais moço que você, não se apegue a questões de idade.” “Tem dinheiro... pode lhe servir bem com vestidos e jóias. Merece um filho com esses teus olhinhos meigos”.

Ritinha revira os olhos e já não se dá mais ao direito de réplica. Já não está em condições psicológicas de enfrentar uma briga que não pode vencer. Ninguém pode vencer uma discussão com um grupo de velhinhas. Traga o chimarrão silenciosamente, até roncar, enquanto lembra-se calorosamente da falecida avózinha, dona Margarida, que lhe dava os conselhos valiosos.

Dona Margarida, muito sábia, tinha um cheiro característico de massa de broa caseira e usava um coque rosquinha meio esquisito naquele cabelo polaco ralinho. Gostava de surpreender Ritinha na escola, onde recebeu o apelido de Dona Chiquinha, a cozinheira risonha do canal 7, o que ela não entendia nunca porque não era muito de televisão, mas ainda assim sorria seus quatro dentes apertando a armação do óculos quadrado com as bochechas.

Dona Margarida abria a porta da sala dos professores, com uma broa ainda quentinha, enrolada no pano de prato puído de girassóis, e abordava Ritinha com a mesma piada infame de sempre: “Trouxe uma broinha, pra você lembrar do senhor seu pai, meu genro: miolo mole e casca grossa. Do jeitinho que você gosta, minha filha.”

Ritinha ria, num riso que só Ritinha sabia dar, e abraçava a velha com um calor que vinha do fundo do peito. Nunca ninguém viu um abraço tão sincero, mesmo que as mãos delicadas de dedos finos não fossem capazes de cumprir um abraço fechado em torno do corpo da avó, ainda de avental, baixinha e redonda. Ritinha não tinha tempo ruim, mas a imagem da avó lhe era sempre como um Sol de verão na praia.

Conversavam, as duas, num ritmo que até os relógios quereriam que o tempo parasse, e no entra e sai dos professores, Ritinha tinha sempre que ser lembrada da próxima aula que deveria cumprir. Dona Margarida que ficasse ali, distribuindo conselhos valiosos a quem quer que desejasse. Com aquele coque hediondo, mais parecia uma cigana alegre.

Aí, no meio das tias, Ritinha esvazia a cuia de chimarrão e se desliga, por um momento, fitando as flores, até esquecer do protocolo secular de família de quem esvazia a cuia também enche e passa. “Quem consegue considerar Gerânio uma boa opção pra uma coisa dessas?” até que é cutucada, com o mínimo de zelo, pelo dedo torto e oitentão da tia Zenaide: “Ô porta cuia! Enche e passa de uma vez”. Falta de decoro, pensa Ritinha, que cometia o maior pecado familiar ao dominar o chimarrão num momento de epifania.

“Ah, Dona Margarida”, que mesmo deitada ali parecia ainda dar conselhos de vida amorosa pra Ritinha. “Não precisa se envolver com malandro pra saber que isso é errado”, dizia a velha, muito bem esclarecida. Contava com orgulho das conquistas do século 21: “eu casei de arranjo, vocês são livres! Se for pra casar com alguém torcendo por um infarto, é melhor morrer sozinha, minha filhinha.”

Dona Margarida era mais moderna que muita moça, mesmo sem ver televisão. Talvez fosse até por isso que ela era tão pra frente, uma vez que não se entregava ao mausoléu televisivo do Silvio Santos aos domingos, quando preferia varrer a varanda, dar o que ciscar pras galinhas, afagar o cachorro preguiçoso, a quem deu o nome infame de Chiquito, e, finalmente, passar o final do dia levantando as pernas no sofá. Só sofá, sem TV.

Dona Margarida era autêntica, tão autêntica, que bateu as botas à sua maneira, não aceitando ideia alheia nem clichê. Levantou aquela manhã, preparou a broa da Ritinha e, depois de um banho quente, num suspiro aliviado e meio preditivo resolveu deitar-se. Despediu-se do Chiquito e estirou-se na cama, barriga pra cima e braço em paralelo, pronta pro caixão, e dali não acordou mais.

Ritinha, que visitou a vó depois da labuta, encontrou a broa fresca e a velha apagada. “Uma notícia boa e uma ruim”, reagiu ela internamente, triste, mas sob controle, como quem entendesse que a vovó tinha vivido bem cada minuto da vida, e que gastou-se tanto a si mesma nos últimos anos de vida, depois que o velho partiu, que acabou por morrer feliz como merecera.

Ritinha só lamentava que, entre os conselhos da avózinha, a velha insistia em dizer que Ritinha um dia encontraria alguém que prestasse, e que ela mesma aprovaria o rapaz, dando de dedo indicador na fuça e olhar de desdém, mas com muito carinho no coração. “Se eu pegar muito no pé do rapazote, quer dizer que vale a pena. Homem só é bom partido se aguentar uma vida com uma velha insuportável”.

E talvez tivesse, Dona Margarida, tudo tão bem arranjado que foi visitada, na despedida, por muita gente nova aos olhos da família. Não se sabe bem por que, além dos conselhos que a velha distribuía, tinha conquistado em vida uma fama tão honorável. De todos os visitantes anônimos, Ritinha logo sentiu um comichão que há muito já achava não ser mais possível.

Rapaz bem apessoado, meio tímido, mas com olhar profundo e cabelo grosso, dirigiu-se à professorinha como quem dirige-se ao bufê de sobremesas quando o cardápio inclui sagu de vinho. “Pois deixe-me apresentar minha pessoa”, disse num sotaque tão interiorano que, ao mesmo tempo em que o tornou cômico, reforçou o charme, “e também lhe oferecer minhas condolências”, saindo do caipira para uma postura tão nobre que confundia.

Ritinha estendeu a mão fininha, mas fechou o sorriso pra não dar mole. “Suas condolências são bem aceitas se tu fizer o próximo chimarrão”, lançou o teste: homem que não faz chimarrão não merece a companhia de Ritinha. E enquanto o reparigo ia pra cozinha, cochichou inutilmente pra velhinha: “não tá aqui pra dar de dedo na fuça, sobrou pra mim.”

Ivo Korytowski

POESIA MINEIRA EM TRÊS TEMPOS

I

O SONETO MAIS BONITO DA LÍNGUA PORTUGUESA

A língua portuguesa teve e tem grandes sonetistas, entre eles Camões, Cruz e Souza, Augusto dos Anjos, Vinicius de Moraes. Escolher o soneto mais bonito da língua portuguesa é como escolher o melhor filme de todos os tempos: uns acham que foi *Tempos modernos*, outros elegem *Cidadão Kane*, ainda outros, *Um corpo que cai...* A meu ver, o soneto mais pungente, tocante, lírico da língua portuguesa... não, não é “A Carolina”, do Machado — “A Carolina” vem em segundo lugar. O soneto mais bonito (na minha mui humilde opinião, mas vocês podem discordar, que gosto não se discute) é “Hão de Chorar por Ela os Cinamomos...”, de Alphonsus de Guimaraens.

O soneto foi inspirado por Constança, prima e noiva de Alphonsus. Constancinha morreu precocemente aos 17 anos, vítima de tuberculose. Mais tarde, Alphonsus acabaria se casando com Zenaide.

Alphonsus de Guimaraens

HÃO DE CHORAR POR ELA OS CINAMOMOS...

Hão de chorar por ela os cinamomos,
Murchando as flores ao tombar do dia.
Dos laranjais hão de cair os pomos,
Lembrando-se daquela que os colhia.

As estrelas dirão — “Ai! nada somos,
Pois ela se morreu silente e fria...”
E pondo os olhos nela como pomos,
Hão de chorar a irmã que lhes sorria.

A lua, que lhe foi mãe carinhosa,
Que a viu nascer e amar, há de envolvê-la
Entre lírios e pétalas de rosa.

Os meus sonhos de amor serão defuntos...
E os arcanjos dirão no azul ao vê-la,
Pensando em mim: — “Por que não vieram juntos?”

II

O POEMA MAIS GENIAL DE DRUMMOND

No meio da jornada da vida, entre a primeira fase modernista de uma poesia vigorosa, incisiva, antilírica (prosaica por vezes), em suma, de ruptura com o passado, “E agora José, No meio do caminho tinha uma pedra”, e a fase madura de intenso lirismo, “sentimentalismo ginásiano, lirismo kitsch” acusa/exagera o polêmico Diogo Mainardi, “Porque meu bem faz aninhos, Quero ser namorado a vida inteira”, época em que conquistou um grande público como cronista de jornal, em meio a essas duas fases, dizíamos, Drummond publica um livro surpreendente, de grande elaboração formal, uma poesia “erudita”, no nível dos grandes clássicos do vernáculo: *Claro Enigma* (1951). Ali figura o poema mais genial de Drummond, o melhor poema brasileiro de todos os tempos segundo alguns escritores e críticos: “A máquina do mundo”.

Carlos Drummond de Andrade

A MÁQUINA DO MUNDO

E como eu palmilhasse vagamente
uma estrada de Minas, pedregosa,
e no fecho da tarde um sino rouco

se misturasse ao som de meus sapatos
que era pausado e seco; e aves pairassem
no céu de chumbo, e suas formas pretas

lentamente se fossem diluindo
na escuridão maior, vinda dos montes
e de meu próprio ser desenganado,

a máquina do mundo se entreabriu
para quem de a romper já se esquivava
e só de o ter pensado se carpia.

Abriu-se majestosa e circunspecta,
sem emitir um som que fosse impuro
nem um clarão maior que o tolerável

pelas pupilas gastas na inspeção
contínua e dolorosa do deserto,
e pela mente exausta de mentar

toda uma realidade que transcende
a própria imagem sua debuxada
no rosto do mistério, nos abismos.

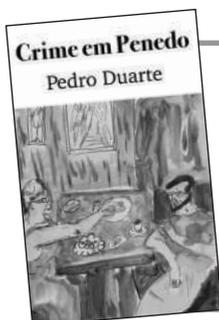
Abriu-se em calma pura, e convidando
quantos sentidos e intuições restavam
a quem de os ter usado os já perdera

e nem desejaria recobrá-los,
se em vão e para sempre repetimos
os mesmos sem roteiro tristes périplos,

convidando-os a todos, em coorte,
a se aplicarem sobre o pasto inédito
da natureza mítica das coisas,

assim me disse, embora voz alguma
ou sopro ou eco ou simples percussão
atestasse que alguém, sobre a montanha,

a outro alguém, noturno e miserável,
em colóquio se estava dirigindo:
"O que procuraste em ti ou fora de



Crime em Penedo

Pedro Duarte

209 páginas

Uma combinação curiosa de thriller com sátira social, *Crime em Penedo* narra a viagem de Vítor Borba a Penedo, na serra da Mantiqueira, sede da primeira e única colônia finlandesa do Brasil, na companhia de sua mãe. Vítor é um profissional às vésperas da meia-idade. À primeira vista, ele tem tudo: uma boa educação, estabilidade no trabalho, ambições criativas e perspectivas de crescimento. Mas não está satisfeito. Sua mãe, por outro lado, é uma pessoa prática e de personalidade forte. As diferenças entre mãe e filho exacerbam-se quando, em plenas férias, eles precisam abordar uma tarefa em comum: um desaparecimento que assombra a comunidade. **É possível comprar o livro via Amazon e Kobo.**

teu ser restrito e nunca se mostrou,
mesmo afetando dar-se ou se rendendo,
e a cada instante mais se retraindo,

olha, repara, ausculta: essa riqueza
sobrante a toda pérola, essa ciência
sublime e formidável, mas hermética,

essa total explicação da vida,
esse nexo primeiro e singular,
que nem concebes mais, pois tão esquivo

se revelou ante a pesquisa ardente
em que te consumiste... vê, contempla,
abre teu peito para agasalhá-lo.”

As mais soberbas pontes e edifícios,
o que nas oficinas se elabora,
o que pensado foi e logo atinge

distância superior ao pensamento,
os recursos da terra dominados,
e as paixões e os impulsos e os tormentos

e tudo que define o ser terrestre
ou se prolonga até nos animais
e chega às plantas para se embeber

no sono rancoroso dos minérios,
dá volta ao mundo e torna a se engolfar,
na estranha ordem geométrica de tudo,

e o absurdo original e seus enigmas,
suas verdades altas mais que todos
monumentos erguidos à verdade;

e a memória dos deuses, e o solene
sentimento de morte, que floresce
no caule da existência mais gloriosa,

tudo se apresentou nesse relance
e me chamou para seu reino augusto,
afinal submetido à vista humana.

Mas, como eu relutasse em responder
a tal apelo assim maravilhoso,
pois a fé se abrandara, e mesmo o anseio,

a esperança mais mínima — esse anelo
de ver desvanecida a treva espessa
que entre os raios do sol inda se filtra;

como defuntas crenças convocadas
presto e fremente não se produzissem
a de novo tingir a neutra face

que vou pelos caminhos demonstrando,
e como se outro ser, não mais aquele
habitante de mim há tantos anos,

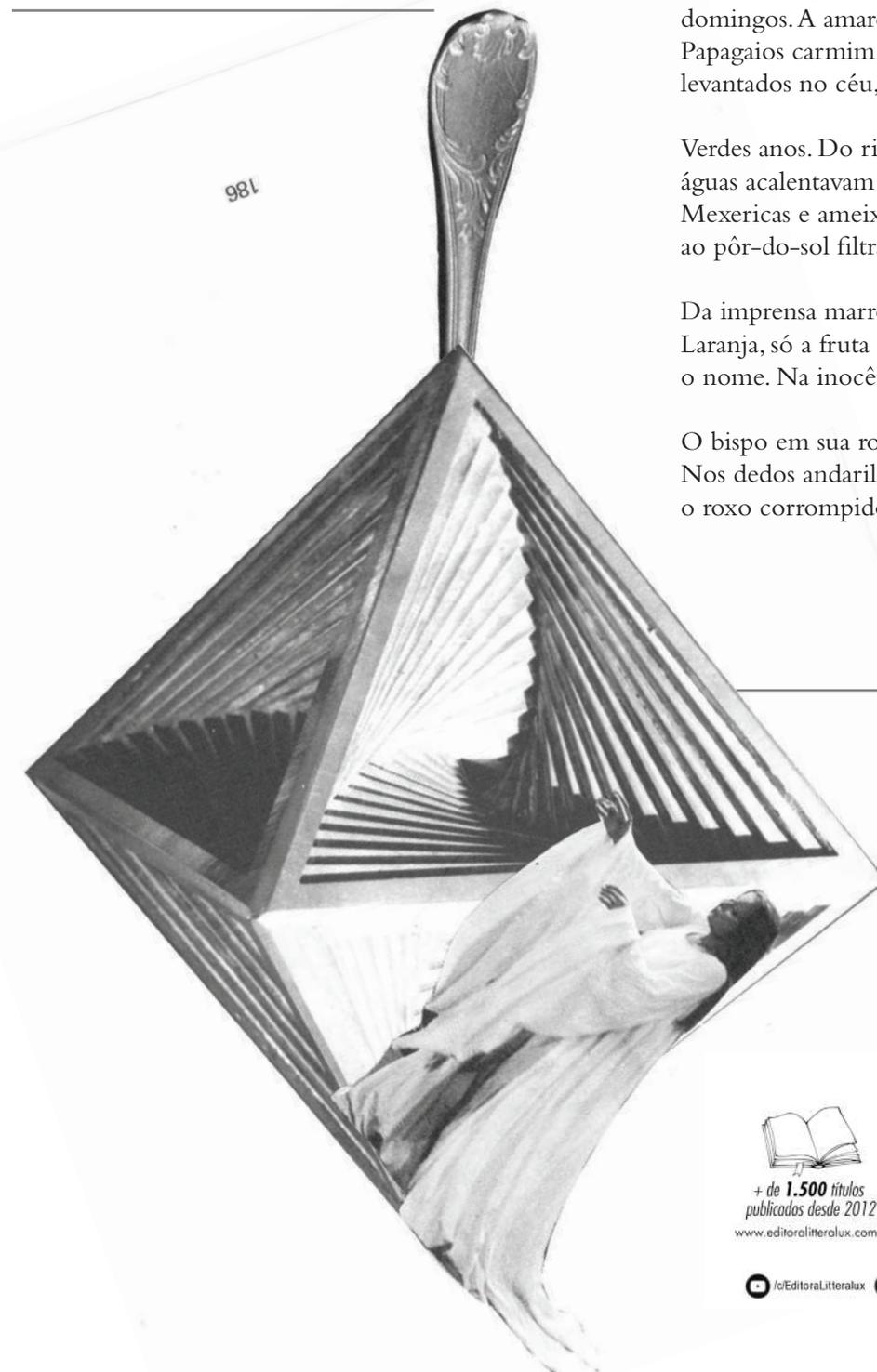
passasse a comandar minha vontade
que, já de si volúvel, se cerrava
semelhante a essas flores reticentes

em si mesmas abertas e fechadas;
como se um dom tardio já não fora
apetecível, antes despiciendo,

baixei os olhos, incurioso, lasso,
desdenhando colher a coisa oferta
que se abria gratuita a meu engenho.

A treva mais estrita já pousara
sobre a estrada de Minas, pedregosa,
e a máquina do mundo, repelida,

se foi miudamente recompondo,
enquanto eu, avaliando o que perdera,
seguia vagaroso, de mãos pensas.



III

A POESIA MUSICAL DE MARIA THEREZA NORONHA

Maria Thereza Noronha, mineira de Juiz de Fora, é considerada por Ivan Proença “uma das melhores poetisas do Brasil-hoje” (eu a considero a melhor de todas). Formou-se em Direito pela Universidade Federal dessa cidade e trabalhou como advogada no BNH e Caixa Econômica Federal, no Rio de Janeiro. Participou do Grupo Edições de Minas, de poetas de Juiz de Fora. Foi minha colega na Oficina Literária Ivan Proença e publicou vários livros de poesia.

Escreveu Carlos Machado: “Praticante de uma poesia essencialmente lírica, Maria Thereza Noronha pertence à estirpe de brilhantes vozes femininas em que se destacam nomes como Cecília Meireles e Henriqueta Lisboa. O ponto comum entre essas três poetisas está na singeleza do verso, que flui leve e musical”.

Maria Thereza Noronha

CORES

A dama em preto e branco nos cinzentos
domingos. A amarelinha nos azuis.
Papagaios carmim rosa magenta
levantados no céu, braços em cruz.

Verdes anos. Do rio as pardacentas
águas acalentavam corpos nus.
Mexericas e ameixas cismarentas
ao pôr-do-sol filtravam ouro e luz.

Da imprensa marrom não se sabia.
Laranja, só a fruta merecia
o nome. Na inocência iam as horas.

O bispo em sua roupa solferino.
Nos dedos andarilhos dos meninos
o roxo corrompido das amoras.

Do livro *O verso implume*



+ de 1.500 títulos
publicados desde 2012
www.editoralitteralux.com.br

Editora
Litteralux
Porque livros iluminam



12 anos



Estamos recebendo originais:
originais@editoralitteralux.com.br

Juliana Meira

alguém corta a grama
faz calor as janelas estão abertas

você diz que adora o som
mas que se eu arrastar as chinelas
você pode enlouquecer

detrás da paineira
a tarde custa a passar
se aconchega

interesse-me pelo rastelo enviesado onde menos cresce a grama
interesse-me pelo cão que satisfeito dorme de barriga para cima
e mais ainda e sobre todas as coisas me interesse por meu filho
e pelas pedras e galhos secos com os quais ele brinca

interesse-me pelo ar que é vida e que agora é denso e compacta a cena
visto que as nuvens a depender de si mesmas passam sem pressa
e o que quer que interesse a vocês também me interessa



O BARBEIRO DE VIRILHA
E OUTRAS NAVALHADAS A FIO

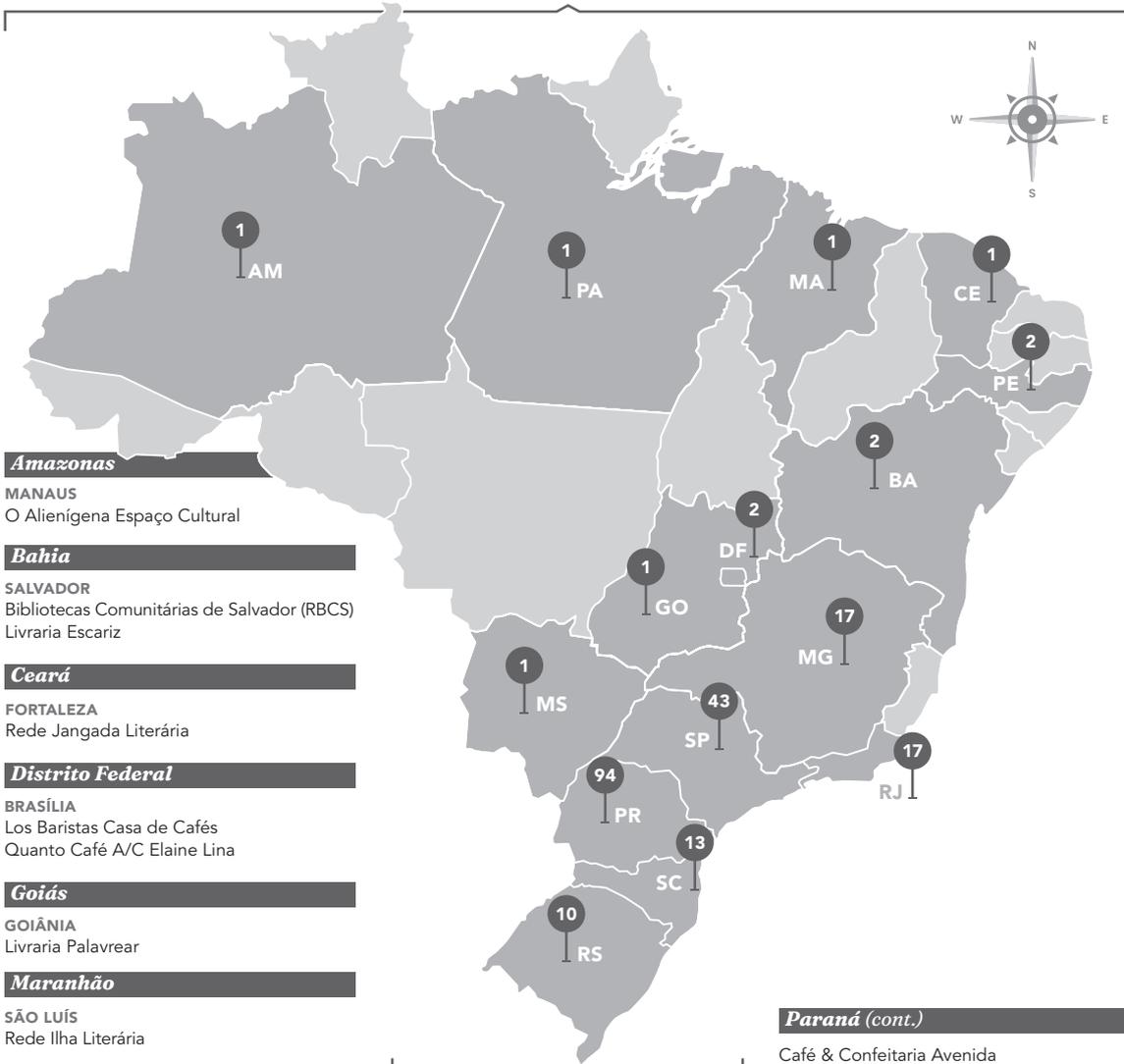


Adquira o seu exemplar direto na Barbearia:
Rua Juvenal Farias, 13, Sala 4, Santa Monica, Florianópolis-SC



Pontos de distribuição do jornal Relevo

15 UNIDADES DA FEDERAÇÃO // 68 CIDADES



203 PONTOS DE DISTRIBUIÇÃO

Amazonas

MANAUS
O Alienígena Espaço Cultural

Bahia

SALVADOR
Bibliotecas Comunitárias de Salvador (RBCS)
Livraria Escariz

Ceará

FORTALEZA
Rede Jangada Literária

Distrito Federal

BRASÍLIA
Los Baristas Casa de Cafés
Quanto Café A/C Elaine Lina

Goiás

GOIÂNIA
Livraria Palavrear

Maranhão

SÃO LUÍS
Rede Ilha Literária

Mato Grosso do Sul

CAMPO GRANDE
Banca Modular

Minas Gerais

BELO HORIZONTE
Café CentoeQuatro
Editora UFMG
Livraria da Rua
Livraria do Belas
Livraria Dona Clara
Livraria Jenipapo BH
Livraria Outlet de Livro
Quixote Livraria e Café

CÁSSIA

Livraria da Praça

ITAUBÁ

Lume Livraria

POÇOS DE CALDAS

Sebo Travessa Cultural

POUSO ALEGRE

Sebo Santa Sofia

SABARÁ

Sou de Minas, Uai

SÃO JOÃO DEL REI

Livraria Café Itatiaia

UBERABA

Lemos & Cruz Livraria

UBERLÂNDIA

Domus Brasília Livraria

Samsara Espaço Esotérico

Pará

BELÉM

Rede Amazônia Literária (Espaço Cultural
Nossa Biblioteca)

Pernambuco

RECIFE

Livraria da Praça

Releitura

Paraná

ARAUCÁRIA

Boutique Café
Casa Eliseu Voronkoff
Fisk Araucária
Panificadora El Grano
Porão Cavalinho

GUARAPUAVA

A Página Livraria A/C Leidiane
Gato Preto Discos e Livros

LONDRINA

Nosso Sebo
Olga A Livraria da Cidade

PATO BRANCO

Alexandria Livraria e Cafeteria

PINHAI

Estação Curitiba Café
Livraria e Cafeteria Café com Letras

PONTA GROSSA

Cripto Cultural

Phono Pub

Sebo Espaço Cultural 1

Sebo Espaço Cultural 2

Verbo Livraria

SÃO JOSÉ DOS PINHAIS

Sebo da Visconde

COLOMBO

Livraria e Papelaria Colombo

CURITIBA

Agendarte Livros

Ah! Cafeteria

Arcádia Sebo & Café

Baba Salim

Biblioteca Pública do Paraná

Botânico Oásis

Paraná (cont.)

Café & Confeitaria Avenida
Café 217
Café Demoiselle Ana Rita
Café do Canto
Café do Espaço
Café do Mercado
Café du Centre
Café e Livraria Solar do Rosário
Café Fazenda Rancho Floram
Café Lisboa
Café Miraphlores
Café Pangalatico
Café Per Tutti
Casa das Bolachas
Chelsea Burgers & Shakes
Coffeeteria
Colégio Medianeira a/c Liliane Grein
Dalat Café
Empório Kaveh Kanes
Fabrika Pães & Café
Faraoh Records
Fingen Café
Fubá Café
Fundação Cultural de Curitiba
COMUNICAÇÃO
Gerência Faróis do Saber
Giardino Café & Cappuccinaria
Go Coffee
Grân's Café
Inked Café
Itiban Comics Shop
Janaína Vegan Bar
Joaquim Livraria
La Belle Époque
Le Caffes Especiais
Livraria Arte & Letra
Livraria da Vila
Livraria Vertov
Lucca Cafés Especiais
Lupita Bistrô Bar
Mabu Hotel
Madí Cafeteria e Empório
Maitê Livros

Paraná (cont.)

Mamãe Urso Café
Manifesto Café
MediaLuna Café
MediaLuna Café
Novo Café do Teatro
Ópera Garden Café
Passeio Café e Arte
Provence Boulangerie
Rause Café + Vinho
Rituais Casa de Café
Sebinho FATO Agenda
Sebo Kapricho Comendador
Sebo Kapricho Marechal
Sebo Kapricho Praça Osório
Sebo Releituras Centro
Sebo Releituras Portão
Sebo Santos
SESC Paço da Liberdade
Teatro Guaíra IMPRENSA
Telarlanha Livraria e Café
Terra Café & Bistrô
Universidade Positivo Santos Andrade
Tijolo CWB
Utopia Tropical Chocolates

Rio Grande do Sul

BENTO GONÇALVES

Dom Quixote Livraria e Cafeteria
Paparazzi Livraria

CANELA

Empório Canela

CAXIAS DO SUL

Do Arco da Velha Livraria & Café

GRAMADO

Mania de Ler Bookstore

PORTO ALEGRE

CirKula Editora, Livraria e Café

Livraria Clareira

Macun Livraria e Café

Rede Beabah

Ventura Livros

Rio de Janeiro

CABO FRIO

Sebo do Lanati

DUQUE DE CAXIAS

Tecendo uma Rede de Leitura Associação

Pró-Melhoramento

NOVA FRIBURGO

Jenipapo Livraria

NOVA IGUAÇU

Baixada Literária - Biblioteca Comunitária

Judith Lacaz

PARATY

Livraria das Marés

Mar de Leitores

RIO DE JANEIRO

Biblioteca Marginow

Blooks Livraria

Casa 11 Sebo e Livraria

Letra Viva Café e Histórias

Livraria Berinjela

Livraria e Edições Folha Seca

TRÊS RIOS

Livraria Favorita

VOLTA REDONDA

Livraria Flamengo

Diadorim Livros e Ideias - Pontual Shopping

Santa Catarina

BALNEÁRIO CAMBORIÚ

Capsula Livraria

BLUMENAU

Rocinante Sebo

CAÇADOR

Livraria Selva Literária

CHAPECÓ

Humana Sebo & Livraria

CRICIÚMA

Sebo Alternativo

FLORIANÓPOLIS

O Barbeiro e O Poeta

Sebos Ivete

JOINVILLE

Casa 97

Salvador Vegan Café, Livros e Discos

LAGES

Livraria Sebo Marechal

Santa Catarina (cont.)

PORTO UNIÃO

Porto Presentes Papelaria

SÃO BENTO DO SUL

Dom Quixote Livros

TUBARÃO

Consulato Livraria

São Paulo

ARAQUARA

Livraria Murad Sebo

CAMPOS DO JORDÃO

História sem Fim

CAMPINAS

Sebo Porão

Livraria Candeeiro

Sebo Contracultura

Iluminações Livraria

COTIA

Livraria 3x4

FRANCA

Almanaque Livraria e Sebo

ITATIBA

Livraria Toque de Letras

JUNDIAÍ

Livraria Leitura

MOGI-MIRIM

Banca do Sardinha

PIRACICABA

Sebo do Formiga

RIBEIRÃO PRETO

Livraria da Travessa Ribeirão

SANTOS

Realejo Livros

SÃO CARLOS

Livraria EDUFSCAR

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

Livraria Casa Nynho

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Livraria e Papelaria Amo Ler Oriente

Livraria Planalto

SÃO PAULO

Banca Tatuí

Bar Balcão

Café no Jardim 53

Casa Brasília

Circulo Livraria

Coffee Lab

Comix Book Shop

LiteraSampa - IBEAC

Livraria Insulto

Livraria NoveSete

Livraria Sebo Tucambira

Livraria Simples

Livraria UNESP A/C Maria

Livraria Zaccara

N'alma Café

O Cão Engarrafado

Patuá Discos

Patuscada Livraria, Bar & Café

Sabiá Discos

Sebinho da Helô

Sebo Alternativa

Sebo Desculpe A Poeira

Sebo Pura Poesia

UGRA PRESS

VINHEDO

Sebo Vinhedo

Achou?

Que tal se tornar um distribuidor do **Jornal Relevo** aí na sua cidade? Fale conosco:

contato@jornalrelevo.com



Trecho de Viver é prejudicial à saúde

Jamil Snege

Os estagiários jamais me consideraram um mestre a ser seguido. Simplesmente porque não trabalho em pranchetas. Sou confuso, culturalmente promíscuo, barroco no mau sentido e, pecado irremissível, interesse-me por várias coisas ao mesmo tempo. [...] Meu sócio jamais me aceitaria como empregado. Vivemos um casamento incômodo, feito de longos silêncios e raros momentos de euforia.

